Año 2022

Educación contemporánea

y filosofía perenne

Francisco Reluz Barturén

Año 2022

Educación contemporánea

y filosofía perenne

Francisco Reluz Barturén

Educación contemporánea y filosofía perenne

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Francisco Reluz Barturén

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B294 Barturén, Francisco Reluz
Educación contemporánea y filosofía perenne/ Francisco Reluz Barturén. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-913-1
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.131221803

1. Filosofía. 2. Educación. 3. Filosofía de la Educación. 4. Perennialismo. I. Barturén, Francisco Reluz. II. Título.
CDD 107

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Editora chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora executiva
Natalia Oliveira
Assistente editorial
Flávia Roberta Barão
Bibliotecária
Janaina Ramos
Projeto gráfico
Camila Alves de Cremo
Daphynny Pamplona
Gabriel Motomu Teshima
Luiza Alves Batista
Natália Sandrini de Azevedo
Imagens da capa
iStock
Edição de arte
Luiza Alves Batista

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

CIÊNCIAS
HUMANAS
E SOCIAIS
APLICADAS

Atena
Editora
Ano 2022

Filosofía de la educación hoy desde el perennialismo

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Francisco F. Reluz Barturén

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B294 Barturén, Francisco F. Reluz
Filosofía de la educación hoy desde el perennialismo / Francisco F. Reluz Barturén. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-913-1
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.131221803

1. Filosofía. 2. Educación. I. Barturén, Francisco F. Reluz. II. Título.

CDD 107

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Ano 2022

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

PRESENTACIONES

Fernando Elgegren Reátegui
Filósofo y Sociólogo

Conocí al joven filósofo Francisco Reluz Barturén en el IX Congreso Nacional de Filosofía, organizado en el 2003 por la Universidad Nacional de Trujillo. En el marco de dicho Congreso, dedicado a la reflexión sobre “Nuevos Horizontes Filosóficos y Convivencia Humana”, llamaba la atención la ponencia del joven filósofo Reluz cuyo propósito era mostrar que la síntesis aristotélico-tomista encerraba un potencial extraordinario para el examen y valoración de la formación del hombre y de la convivencia humana en nuestros días. Luego de un proceso de maduración, profundización y actualización de las intuiciones básicas sobre los aportes de la síntesis aristotélico-tomista a la actividad educativa que proponía en aquel Congreso, Francisco Reluz nos entrega la presente obra que presentamos… El autor es consciente que su obra bien puede tomarse como un aporte racionalmente viable para oxigenar el cansancio que adolece la filosofía de nuestros días, ubicándose decididamente a contracorriente de los que han puesto a la metafísica en un callejón sin salida y han declarado la muerte del hombre, el fin de la historia, el pensamiento débil. Puesto delante de la ontología sin sentido y de la risa filosófica, en parte silenciosa, que sugieren Vattimo y Foucault, la obra de Reluz nos ofrece de manera abierta, franca y directa, la posibilidad de reencontrarnos con una metafísica centrada en el existente humano, que da sentido y horizonte al proceso de educación del hombre de hoy. Sin duda esta obra se constituye en un valioso instrumento para afirmar nuestra convicción en las posibilidades de realización humana, mediante una educación que se proyecta hacia el modo de vida bueno que es lo que dignifica al existente humano.

Jorge Lazo Arrasco
Educador y librepensador

Decía el maestro Luis Alberto Sánchez que un autor se consagra, no cuando es leído, sino cuando es releído; y esto es lo que me ha sucedido con el libro de Reluz Barturén. Hay reflexiones tan interesantes, que no se podían dejar pasar, sino que había de meditarlas cuidadosamente. ¿Cuál es la intención de este libro? ¿Qué se ha pretendido o se pretende con la idea de mostrar la incidencia de una filosofía que debe permanecer en la educación de hoy? El propósito, señala el autor, ‘es revalorar el planteamiento de la philosophia perennis y su aporte a la temática educativa en la actualidad’… El profesor Francisco Reluz, en su obra, se esmera en exaltar a la philosophia perennis, considerándola como

una perspectiva especial y como un hilo conductor, para otorgar fundamento a la actividad educativa... Hay dos aspectos que no se pueden soslayar en este libro de Reluz Barturén: A Tomás de Aquino, el ‘buey mudo’ y su relación con la educación. El apelativo de ‘buey mudo’ de Tomás de Aquino se debía a su exagerado retraimiento, muy laborioso y callado. Alberto, su maestro, les decía a sus condiscípulos: ‘esperen que este buey empiece a mugir y entonces lo escuchará todo el mundo’, y así fue. Hasta ahora y por mucho tiempo se escuchará a Tomás de Aquino. Francisco Reluz se hace escuchar en este libro… El libro del profesor Reluz Barturén, es pues enjundioso, hace bien en considerar su libro como un texto de filosofía de la educación. Por todas las razones que se exponen en el texto, considero que es una obra valiosa y digna de leerla.

SUMÁRIO

INTRODUCCIÓN

La principal motivación para pensar la educación es el particular interés por el hombre y su entorno. Es preocupación de todas y cada una de las personas, al margen de cualquier época, querer ser mejores, incluso de aquellos que no se plantean tal problema, interesándose sobre todo en la practicidad e inmediatez de sus vidas. Tal preocupación encierra la idea de perfeccionamiento de acuerdo a su concepción del mundo y sus intereses: Ahí vemos, en la actualidad, al gerente, buscando la excelencia personal y de su empresa; a los buenos líderes y políticos (que cuesta mucho creer que los hayan), interesados en el bienestar de las naciones; a los pensadores, motivados en mejorar la calidad de vida humana en todo aspecto; a los ascetas desde la perspectiva espiritual, al hombre común y corriente.

Sin embargo, son pocos los que reparan en este eje transversal de toda actividad humana y la piensan: la educación como proceso de aprendizaje; y, en sentido extenso, del perfeccionamiento de la persona. Considero que el criterio humanista desde la perspectiva social desvela a todo aquél que pretende vivir seriamente, este intenso objetivo nos arrastra a todos a la búsqueda de la felicidad inmediata y también finalística.

Actualmente vivimos en el mundo donde lo inmediato, útil y práctico absorbe vertiginosamente una comprensión integral del hombre; a este mundo debemos plantearle nuevamente perspectivas ya pensadas, pero no por ello obsoletas o ‘pasadas’; perspectivas que integren totalmente las dimensiones humanas, a fin de permitir actualizarnos con criterio y sentido. Esta perspectiva que trata sobre tan importante eje transversal forma parte del pensamiento perenne en general, diseminada en numerosas obras y, es lo que llamamos teoría del perfeccionamiento humano, que se fundamenta básicamente en las virtudes, entendidas como hábitos perfeccionadores del hombre.

Renombrados investigadores se han pronunciado al respecto, de ahí que la bibliografía sobre el tema es muy numerosa; sin embargo, nos hemos preocupado en ir a las fuentes a fin de que los lectores tengan acceso a la propia investigación y profundización de esta temática. Nuestro objetivo es -sobre todo- revalorar el planteamiento de la philosophia perennis y su aporte a la temática educativa hasta la actualidad.

Este es un texto de filosofía de la educación, con una perspectiva en especial, tiene como hilo conductor la fundamentación de la actividad educativa, entendida como eje trasversal de toda actividad humana, como actividad que actualiza el perfeccionamiento integral de la persona. De ahí que tomemos como clave el criterio ontológico de la existencia y su finalidad, analizando la educación como realización integral del ser personal y como proceso de perfección del hombre, fundamentándola en la filosofía del ser y en la ética. La perspectiva del pensamiento perennis vincula –como no puede ser de otro modo- conocimiento y virtud, pues, todo acto humano comporta necesariamente estos elementos, desembocando en el ámbito de la moral.

Entendemos la philosophia perennis, después de investigar el origen y desarrollo histórico de la expresión, como síntesis del pensamiento, es decir, la reactualización del pensamiento sobre las preocupaciones constantes de todos los tiempos: el conocimiento, su transmisión, la vida adecuada en sociedad, todos elementos presentes en la relación entre filosofía y educación, teniendo un hilo conductor teleológico, es decir, de finalidad y sentido como orientador y regulador de la vida humana.

En este aspecto, resulta interesante el pensamiento grecolatino, principalmente aristotélico-tomista, que percibe al hombre en dimensión real: íntimamente corpóreo y trascendente. El aporte y riqueza de tal pensamiento perenne radica en dos aspectos: en la superación del tiempo, es decir, que lo reflexionado sea de utilidad siempre; y, la coherencia de vida, donde converge manera de pensar y ser.

En los primeros capítulos del texto se realiza una mirada a la educación contemporánea, particularmente bajo los conceptos de llamadas mega tendencias y de la educación para el mercado, luego se hace un análisis de la expresión philosophia perennis con el objetivo de comprenderla de manera integral, basándonos particularmente en su evolución histórica, y finaliza con los aportes conceptuales que da a la temática educativa. Este apartado enlaza con la parte en que desarrollamos el concepto de educación y sus relaciones con la filosofía en general, hallando puntos de encuentro que son analizados por una de sus áreas particulares, nos referimos a la filosofía de la educación, que se ocupa básicamente de la fundamentación y finalidad del quehacer educativo y su ineludible importancia de entenderla así en nuestro actual contexto.

Agradezco, finalmente, a todas las personas que han hecho posible la presente investigación y su posterior publicación: A mis padres y a mis amigos, en quienes incluyo maestros, colegas y estudiantes, sin los cuales no me hubiera formado, aprendido o enseñado algo.

El Autor

PRIMERA PARTE

Una mirada a la educación contemporánea

…tenemos que prevenirnos contra quienes predican a los jóvenes el éxito,
en el sentido habitual, como objetivo de la vida. Pues el hombre que triunfa
es aquel que recibe mucho de sus semejantes, por lo general mucho más de
lo que corresponde al servicio que les presta. El valor de un hombre debería
juzgarse en función de lo que da y no de lo que recibe.

(Albert Einstein. *Mis creencias.,* Sobre la educación.)

LAS MEGA TENDENCIAS EN LA EDUCACIÓN

Hoy en día estamos muy acostumbrados a dos cosas: exacerbar lo que somos y asumir que esto es innovación revolucionaria dejando en la obsolescencia lo pasado. Así, al menos se percibe el acontecer dentro del ámbito educativo. De esta manera hablamos, por ejemplo, de las mega tendencias educativas entre las que se encuentran las neurociencias aplicadas a la educación (Willis, 2009) el pensamiento complejo (Morin, 2001; 2007) el empleo de la TIC's, la educación personalizada, vitalicia y universal, el enactivismo (Mc. Gee, 2005; Proulx, 2011; Cappuccio & Froese, 2014), la heutagogía (Hase & Kenyon, 2000), entre otras.

En efecto, por ejemplo, las neurociencias aplicadas a la educación están referidas a los recientes estudios sobre las capacidades cerebrales y al 'recableado' neuronal respecto al proceso de aprendizaje significativo, poniendo especial atención al estudio de los hemisferios cerebrales y las teorías neurobiológicas del cerebro. Así, tenemos a Judy Willis (2009) para quien aprender significativamente requiere de la actitud del aprendiz y los medios para llegar a él, donde un cerebro bien dispuesto para el aprendizaje debe habérsele motivado desde su lado emocional, por eso considera como parte de su teoría le presencia de los filtro RAD, donde, para el aprendizaje se necesita que el cerebro active su sistema **R**eticular, luego intervenga positivamente la **A**mígdala, y, finalmente se segregue suficiente **D**opamina que trasmita motivación, reforzamiento, buen humor y aprendizaje óptimo.

Por otro lado, qué duda cabe la profunda influencia de las nuevas tecnologías al ámbito de la educación. El empleo de las TIC´s por el cual hoy en día se cataloga de camino excelente para el aprendizaje extra muros, sin distancias y sin las cuales parece que toda educación caminaría a tientas. Ésta, vinculadas estrechamente con la teoría del conectivismo de George Siemens y la teoría LaaN (Learning as a Network) permiten el acercamiento continuo en tiempo y espacio de los aprendices, además de generar la posibilidad de un vincularse a un mundo de información y comunicación, para la cual hay que estar suficientemente preparado para discernir con criterio.

G. Siemens (2005), realiza una crítica sobre el desfase del conductismo, el cognitivismo y el constructivismo como las grandes teorías de aprendizaje creadas para ambientes instruccionales en el contexto de no impacto de las nuevas tecnologías; por ello propone una teoría subyacente de acuerdo a la nueva forma en la que se vive y aprende, bajo el fuerte impacto tecnológico: el conectivismo. Este nuevo contexto tecnológico es arrollador en todo sentido, requiere de una actualización constante puesto que las actividades laborales no son distintas de las actividades cotidianas por el uso de las tecnologías, las 'herramientas que utilizamos definen y moldean nuestro pensamiento', de allí que entienda su teoría como un proceso de conectar nodos o fuentes de información especializados, incluso en dispositivos no humanos, además de tratarse de un proceso

continuo que requiere habilidades de conexión entre ideas, áreas y sistemas, con la disposición de aceptación del error a diario, pues lo que es cierto hoy no necesariamente ha de serlo mañana.

En consecuencia, al desarrollo, o con mayor propiedad, avance tecnológico, en los tiempos actuales emerge como necesidad la inserción de las generaciones en enfoque complejo de la educación, en función del ordenamiento del caos encriptado no sólo de las relaciones inter generacionales en las instituciones educativas e incluso la familia, sino también, de la calidad del propio proceso de aprendizaje, en tanto la dinámica de los cambios sociales tienden a transformar de manera casi imperceptibles dichas relaciones sin develarse abiertamente sus causas esenciales.

La vida contemporánea, con su abundante información, nos reta a la preparación constante y la autodeterminación para mantenernos en ella, por ello se presenta como mega tendencias el enactivismo (Di Paolo, 2018) y la heutagogía (Blaschke& Marin, 2020).

Por su parte, el enactivismo considera al proceso de conocimiento como actividad continua de acuerdo a actividades reorganizadas continuamente por sí mismas en el ser vivo, más aún en la persona, en una suerte de retroalimentación constante por la participación, la experiencia vital y cuánto le afecta al cuerpo animado el mundo circundante. Si esto se aplica a la educación y, por ejemplo, al uso de las tecnologías, es de esperarse necesariamente que se genere una simbiosis de aprendizaje, una exigencia necesaria de lo tecnológico en nuestras vidas (Melamed, 2021). De hecho, así ocurre. Si no, contemplemos a las actuales generaciones digitalmente nativas de aquellas que no lo fueron, o de quienes surgimos en el intersticio generacional. Sin embargo, el debate está dado, como lo había preconcebido a mediados del siglo pasado Albert Einstein (2000; 2013) en su preocupación de que la tecnología sobrepase negativamente la humanidad, siendo elemento de manipulación de algunos a costa de la estupidización de otros, de las grandes mayorías; ¿qué habría de hacer para que la comprensión enactivista de la educación no acontezca de manera negativa?

La retroalimentación simbiótica enactivista se complementa con la auto-determinación volitiva de la heutagogía respecto al aprendizaje en la sociedad del conocimiento: el conocimiento nos cambia la vida, y nosotros debemos situarnos en la posibilidad de querer asimilarlo continuamente para no quedar rezagados. En efecto, la heutagogía, término propuesto a comienzos del siglo XXI por Steward Hase y Chris Kenyon, ambos de la australiana Southern Cross University, refiere al aprendizaje que es motivado a ser adquirido por uno mismo, donde el aprender a aprender acontece descubriendo las mejores maneras que tiene cada quien: visual, auditivo, kinestésico; es, desde otro punto de vista, el aprendizaje autónomo (autodidacta), más allá de las estructuras formales derribadas por los cambios tecnológicos y que, se supone, presentan mayores oportunidades de crear y facilitar aprendizajes, situación tan actual dentro del confinamiento por pandemia (Flores-

Heymann, 2021).

Respecto a esta mirada sobre la educación contemporánea que se presenta maravillosamente enjundiosa y prometedora, puede resultar tan paradójico como lacónico redactar un escrito que contenga planteamientos de la philosophia perennis, como quien dar con el hilo conductor que desentrañe la enredada madeja para reorientar la vorágine enmarañada de la educación de nuestro tiempo. Tal vez sea demasiada pretensión, pero veremos de lo que se trata.

LA EDUCACIÓN PARA EL MERCADO

En este capítulo reflexiono particularmente sobre el reciente libro Profesores excelentes. Cómo mejorar el aprendizaje para América Latina y El Caribe elaborado por el Banco Mundial (Bruns & Luque, 2014). Como es de esperarse el texto hace referencia a la magnitud del desarrollo económico en la región y cómo este genera un impacto positivo en los sistemas educativos, donde ahora existe una mayor preocupación en las políticas educativas que no se ven como gasto sino como una inversión en las políticas públicas de largo plazo.

Dentro del impacto positivo de lo económico es que ahora la educación se ha hecho extensiva. Más sectores poblacionales tienen acceso a ella, algo loable puesto que se trata de un derecho humano ineludible. Pero, asume, el equipo del Banco Mundial, que esto implica al mismo tiempo la mejora económica de los países, particularmente de los llamados en vías de desarrollo, dentro de la lógica de a mayor y mejor educación mayor eficiencia y eficacia en la mejora de producción de bienes y servicios, por supuesto sin olvidar el consumo masivo. Por ello recomiendan los autores del texto que la región debe formular sus propias estrategias para lograr una producción más diversificada, exportaciones de mayor valor y crecimiento sostenible a largo plazo. Y esto no es posible sin una educación de 'calidad', pues afirman que: …formar el capital humano, ingrediente principal de una mayor productividad e innovaciones aceleradas, es un desafío central para la región (Bruns & Luque, 2014).

Pienso que es importante que la cobertura de la educación en América Latina y el Caribe esté en avanzada, ninguna persona debe estar alejada de ella, porque eso implicaría no sólo quitarle su dignidad, sino que en perspectiva economicista es dejarla literalmente dispuesta al exterminio. Sin embargo, los especialistas educativos del Banco Mundial, recomiendan que los gobiernos deben 'educar' a sus ciudadanos más y mejor, esto no necesariamente significa una mayor cantidad de años de estudios o escolaridad formal, sino de la 'calidad' de los aprendizajes para lo cual se requiere de profesores 'excelentes' que las impartan y susciten.

La perspectiva del Banco Mundial, loable en el sentido de buscar 'una educación de calidad' para un 'desarrollo sostenible', es criticable desde dos puntos de vista: primero, ¿qué es lo que entiende por 'educación de calidad'? y segundo, la idea de calidad no centrada en años formales de estudio, contiene implícitamente la reducción de los mismos en función de los intereses económicos, es decir, prácticamente, reducir años es reducir costos para generar beneficios económicos de mayor impacto… ¿pero de qué sector poblacional y a costa de cuál?

En nuestro contexto epocal donde se están transformando los objetivos de los sistemas educativos tanto nacionales como internacionales sin tener en cuenta los fines propios de la educación, superándose la mera transmisión y memorización de datos para

centrar la atención en las competencias (pensamiento crítico, resolución de problemas, disposición al aprendizaje permanente) de los estudiantes, resulta parcialmente cierto asumir la premisa del Banco Mundial que es la calidad —en términos de mayor aprendizaje de los estudiantes— la que produce los beneficios económicos de invertir en educación. Puesto que aquí cabría hacerse las siguientes preguntas: ¿realmente los que tienen una mejor educación tienen mayores ingresos económicos? ¿es cierto que la educación contemporánea genera las competencias arriba aludidas si se enfatiza la formación tecnológica y para el mercado? ¿esto es propio de una educación de calidad? ¿a quiénes beneficia?

La inserción a la educación formal por parte de la población ha ido incrementándose en los países llamados en vía de desarrollo, habiendo disminuido la tasa de analfabetismo, mejorado el acceso a la educación básica inicial y primaria principalmente. En términos de mega tendencia: la educación va en alza, es decir, existe un mayor acceso a ella, puesto que al ser considerado un derecho humano ineludible se manifiesta en términos tanto de universalización como de personalización en su práctica. Esto acontece debido a las políticas públicas implementadas por los países y los organismos mundiales para la mejora de la educación. Sin embargo, aunque es un progreso, eso no garantiza una buena enseñanza ni una educación de calidad en términos de integración de las distintas dimensiones humanas puesto que se enfatiza y cualifica en términos monetarios. Se trata de una educación en perspectiva profesionista.

Concluyendo este primer apartado, con un análisis profundo podemos advertir que las llamadas mega tendencias de la educación en nuestro siglo XXI, refieren a las constantes preocupaciones epocales del estudio de la psique, la memoria y de la mente sobre que siempre han acompañado a las reflexiones filosóficas en torno al proceso de conocimiento, los mismos tópicos refiere a las antiguas preocupaciones en nuevos contextos a la par del uso de herramientas y tecnologías para potenciarlas, sin embargo, respecto a la educación para el desarrollo, este es entendido sin el criterio de integridad que exige una auténtica comprensión de la persona.

SEGUNDA PARTE

La expresión 'philosophia perennis'. Evolución histórica, significado y sentido

La multiformidad del filosofar, las contradicciones y las sentencias con pretensiones de verdad, pero mutuamente excluyentes no pueden impedir que en el fondo opere una unidad que nadie posee, pero en torno a la cual giran en todo tiempo todos los esfuerzos serios: la filosofía una y eterna, la philosophia perennis. A este fondo histórico de nuestro pensar nos encontramos remitidos, si queremos pensar esencialmente y con la conciencia más clara posible.

(Karl Jaspers. La filosofía desde el punto de vista de la existencia)

ORIGEN DE LA EXPRESIÓN PHILOSOPHIA PERENNIS E INTERPRETACIÓN COMO FILOSOFÍA

Muchas veces se ha identificado la philosophia perennis con el pensamiento propio de la época medieval, y ‘en consecuencia’, como fundamentación filosófica de la doctrina católica, nada más reducido a mi juicio. Sus detractores la consideran tendenciosamente fundamentalista, ligada a lo esotérico o lo místico, visión sesgada y alejada de una comprensión integral e histórica del término. Por eso, nos proponemos revalorar el concepto y los contenidos de la philosophia perennis, partiendo de una comprensión integral de la misma, destacando argumentativamente sus innumerables y valiosos aportes a la temática filosófica y educativa de todos los tiempos, más aún, en la actualidad.

Para lograr nuestro objetivo, hacemos un recorrido histórico de la expresión philosophia perennis para deducir una interpretación adecuada, rescatando el sentido latente en su evolución, contenido de esta primera parte y, posteriormente, en los capítulos siguientes, trataremos los aportes conceptuales a la filosofía posterior y a la temática educativa, como por ejemplo, la comprensión del estrecho vínculo entre filosofía y educación (Broudy, 1992), que nos permite entenderla como eje transversal de toda actividad humana, punto de encuentro entre la ética y la política, de urgente necesidad hoy.

La expresión en cuestión tiene como especial característica la ‘perennidad’, término ambiguo que le ha costado la distorsión a esta interpretación de la realidad filosófica. Esta característica interpretada sesgadamente ha permitido signarla con la cualidad de filosofía anquilosada, fundamentalista y obsoleta, que se cree ‘depositaria y dueña’ de la verdad, términos venidos a menos en nuestro tiempo, donde lo verdadero es confundido con la opinión mayoritaria; y la valoración de las propias cualidades en respeto mutuo de perspectivas, como fundamentalismo e intolerancia.

La expresión vio la luz a través de una publicación fechada en 1540, titulada De Perenni Philosophia cuyo autor es el poco conocido filósofo Agostino Steuco (1497- 1549), de la Universidad de Padua[1], quien entendía por philosophia perennis a la filosofía que sintetizaba armoniosamente la escolástica medieval con el pensamiento de los filósofos de la Escuela de Padua, quienes en primera instancia proponían a Aristóteles como emblema del progreso científico en vez de interpretarlo teológicamente como se había hecho en el medioevo con Tomás de Aquino a la cabeza en el occidente cristiano y en el mundo islámico con Avicena y Averroes. El objetivo de Steuco era conciliar ambas posturas, la interpretación teológica y la naturalista del Estagirita, en unidad de pensamiento, tomando sobre todo el aspecto ontológico de Aristóteles (Granada, 1994).

Posteriormente, con Leibniz la expresión adquirió un significado mucho más

1 La escuela de Padua es un movimiento filosófico y científico durante los siglos. XIV al XVI, interesados sobre todo por el conocimiento de la naturaleza, la medicina y los métodos científicos, interpretados desde una perspectiva aristotélica- naturalista en vez de una concepción teológica del Estagirita. Esta última de mayor fuerza en el pensamiento escolástico medieval.

amplio. En efecto, una de sus cartas a Nicolás Remond, fechada en 1714, habla de una *perennis quaedam Philosophia*, es decir, que existe de algún modo una filosofía perenne que hay que rescatarla desde sus orígenes griegos, muchas veces opacada por algunas interpretaciones medievales y sobre todo modernas que propugnaban un racionalismo exagerado y un rechazo tajante al pensamiento 'clásico' grecolatino.

Como sabemos, en medio de la revolución científica, los planteamientos de la filosofía antigua y de la escolástica parecían haber sido superados por los métodos de las ciencias físicas y matemáticas; en esta situación, Leibniz reivindica las nociones de sustancia y finalidad, es decir, del sentido teleológico del ser, de la existencia, viendo la realidad desde una perspectiva ontológica; considerando el pensamiento de los antiguos filósofos (sobre todo griegos, pero también medievales como Agustín o Tomás de Aquino) como los pioneros en plantear conceptos con los cuales 'los modernos' elaboran y sustentan sus teorías científicas, valorando la perennidad de los conceptos filosóficos y metafísicos del pensamiento griego y medieval. Además, Leibniz (1946) mismo se considera depositario de esa tradición filosófica cuya característica esencial es la de una visión integrada de antiguas y nuevas tendencias filosóficas a modo de un continuo histórico[2]. Llegada la época moderna y contemporánea la filosofía escolástica no desaparece, sino que empieza a reformularse en distintas tendencias conocidas con el término general de neoescolástica, y con ella, la expresión philosophia perennis, quedará restringida al tomismo, entendiendo que en la filosofía de Tomás de Aquino se realiza una armoniosa síntesis del pensamiento clásico griego, la fe cristiana y la filosofía patrística[3].

Al respecto, Jacques Maritain, neoescolástico y tomista contemporáneo, afirma: *'Si se ha comprendido una vez esa primacía del existir, en el pensamiento de santo Tomás, se comprende también el poder sintético que él mismo en tan alto grado tiene respecto de toda la herencia de la humana y divina sabiduría... La intuición del ser, la apercepción muy simple e infinitamente fecunda de la existencia, en todos los grados de su valor analógico de perfecciones y unificación de lo múltiple, tal es el secreto de santo Tomás de Aquino que ha dado al gran buey mudo de Sicilia, la fuerza necesaria para hacer concertar juntamente todo lo que dijeron de verdadero los filósofos paganos, y Aristóteles con su turba deslumbrante de judíos y de árabes, y los Padres de la iglesia y san Agustín con su platonismo transfigurado por la sabiduría de la gracia...*'(1975, p. 44)

El objetivo de la neoescolástica es, después de todo, intentar una revalorización en sus riquezas de la tradición filosófica y teológica, minusvalorada y obviada por algunos

---

2 Leibniz escribe a Arnauld: Las meditaciones de los teólogos y los filósofos que se llaman escolásticos no deben despreciarse totalmente. (Cf. *Correspóndance de Leibniz et d' Arnauld*. 1946). También estas ideas se encuentran en sus Discursos de Metafísica y en su carta a Christian Thomasius

3 Desde el cristianismo católico se entiende a la philophia perennis como la síntesis del pensamiento griego clásico, el pensamiento filosófico-teológico de la patrística, influenciados no sólo por las concepciones filosóficas griegas, sino por su experiencia de fe y las Sagradas Escrituras. Leibniz asume, como hemos visto, solo una parte de esta interpretación, obviando la perspectiva de fe.

filósofos modernos y contemporáneos, y que –sin duda alguna- están presentes en toda concepción filosófica posterior. En primera instancia la philophia perennis encierra un sentido de pensamiento sintético conformado por antiguas y nuevas formas de pensar, y por ello, se constituye –al igual que los distintos sistemas filosóficos- en patrimonio del pensamiento humano, estando, por consiguiente, en la manera de pensar en muchos de nosotros por sus aportes en todo ámbito dentro del pensamiento contemporáneo, muchas veces de manera distorsionada.

UN CAMBIO DE RUMBO: PHILOSOPHIA PERENNIS COMO SABIDURÍA

El aporte del pensamiento escolástico y neoescolástico con su interpretación y explicación filosófica de la teología cristiana hace que la expresión philosophia perennis adquiera un nuevo sentido, más radicalizado, al comenzar el s. XX, entendiéndose ya no sólo como 'filosofía' o búsqueda anhelante de la sabiduría, sino como posesión de la misma.

La expresión es entendida entonces como contenido de conocimientos intelectuales y espirituales desarrollados a lo largo de toda la historia de la humanidad, provenientes tanto de oriente como de occidente, sintetizándose en el término 'sabiduría', la filosofía perenne dejó de ser vista desde una perspectiva racionalista, occidental, para girar hacia un espiritualismo oriental, de manera integrada primero y radical después tal como lo asumieron René Guénon (1994) con su obra El reino de la cantidad y los signos de los tiempos, y Aldous Huxley (1999) en su clásica obra La filosofía perenne.

La vinculación teológico-filosófica de la expresión lleva a Rene Guenón y a Aldous Huxley a incluir dentro de la philosophia perennis no sólo a la tradición del pensamiento cristiano, sino también a las tendencias místicas y religiosas del oriente, afirmando que no sólo en los griegos hay un pensamiento profundo, sino también en la mentalidad de oriente, entendiéndola sobre todo como sabiduría de todos los tiempos y culturas que no solo es razón, sino también intuición y contemplación[1]. Huxley (1999), al investigar exhaustivamente sobre la evolución de la expresión philosophia perennis, encuentra rasgos comunes en los distintos pensadores, pero sobre todo en maestros de las diferentes religiones como Siddharta Gautama, los patriarcas bíblicos o Mahoma, quienes fundamentan sus afirmaciones con enfoques de corte espiritual y religioso, que según Huxley (1999) son básicamente tres:

En primer lugar, que todo ser (objetos, vida y mente) está sustancialmente fundado por una realidad divina[2]; en segundo lugar, que la parte central de todo ser vivo es esencialmente divino; y, finalmente, como consecuencia, la persona, en cuanto ser inteligente, tiene por misión esforzarse para descubrir esa realidad divina latente en su ser y conformarse a ella[3] no como una resignación ante el destino, sino como encaminamiento hacia un destino superior de progreso, bienestar, excelencia, todo ello de una manera tal, que no desborde, en equilibrio e integralidad. Quizá estas afirmaciones sean para el hombre

---

1 Esta idea es del pensador iraní, H. Nasr cuyos estudios sobre el pensamiento occidental, particularmente el platonismo, lo llevaron a 'cerrar el círculo' de la philosophia perennis occidental con el complemento del pensamiento oriental: sufismo e islamismo.

2 Término con el cual Huxley designa al Ser Supremo. Recordemos que las más diversas religiones concibieron una realidad suprema. Dentro de la religiosidad hebrea, de la cual proviene el cristianismo, el nombre del Ser Supremo, no podía ser pronunciado. La denominación de Huxley no hace referencia a la existencia de un Dios Personal, sino a la de un Dios como realidad omniabarcante o inteligencia suprema.

3 Debido a esta interpretación ha surgido en nuestro tiempo una psicología perennis como una psicología que aspira a ayudar al hombre en mantener la armonía consigo mismo y con el mundo. Es llamada psicología transpersonal o psicología integral.

de hoy, que se llama a sí mismo ‘postmoderno’ una ilusa utopía, un idealismo frenético y sinsentido, sin embargo, paradójicamente va en su búsqueda para alcanzarlos, ¿acaso hoy no se habla de lograr la excelencia?, pero ¿por qué caminos creen que la alcanzan? O ¿cómo es que la entienden?, entonces requerimos de una mayor reflexión, y nuestra actualidad nos deja poco o nada de tiempo para ello, de alguna manera es necesario volver a nosotros y entendernos (Moreno, 2019).

Casi contemporáneo al pensamiento de Guénon[4] y Huxley, específicamente en las primeras cinco décadas del s. XX, Urban Wilbur Marshall (1979), profesor de Filosofía de la universidad de Yale, se situó a un lado distinto de los pensadores mencionados, saliendo a la defensa de la ‘occidentalidad’ de la philosophia perennis basada sobre todo en la ontología con su afirmación de la existencia, del mundo inteligible y un mundo objetivo de valores, fundamentándola en la analogía del ser, y en las tesis de inseparabilidad entre valor y realidad[5]. La contribución de Urban radica no tanto en el reclamo de la ‘occidentalidad’, sino principalmente a la exigencia de una vivencia axiológica que se sitúa entre el modo de ser y el modo de actuar.

4 Guénon considerado metafísico de la historia, afirma que en el mundo griego clásico hay rasgos de modernidad (‘modernidad en la antigüedad’) expresada en lo que él llama escuelas decadentes como el estoicismo y el cinismo.
5 La tesis central es la inseparabilidad del ser y los trascendentales: el ente es uno, verdadero y bueno (ens est unum, verum, bonum) o la unidad, bondad y verdad convergen en el ente (unum, bonum, verum convertuntur)

¿QUÉ ES, ENTONCES, PHILOSOPHIA PERENNIS?

Como hemos podido apreciar, son muchas las significaciones que ha ido adquiriendo la expresión Philosophia perennis. Sin embargo, de todas ellas, podemos dilucidar elementos comunes para una comprensión integral del término que la dote de sentido ayudándonos a revalorarlo:

- La valoración de la filosofía griega, particularmente el pensamiento platónico y aristotélico en sus diversos aspectos.
- Comprensión de las interpretaciones de los mismos ya sea de la patrística o la escolástica.
- Entender que todo pensamiento o filosofía acontece en un continuo histórico de relación e interdependencia que hay que dilucidar.
- Los pensamientos de oriente son introducidos en la comprensión de philosophia perennis de modo analógico- comparativo.

Teniendo estos cuatro puntos de comprensión podemos afirmar que la filosofía perenne no es la filosofía poseedora de verdades absolutas, catalogadas de retrógradas en nuestro tiempo postmoderno. Su perennidad no está referida a la posesión de verdades, sino a la existencia real de aportes en ideas, conceptos, en una exigencia de modo de vida, en comprensiones del mundo que se mantienen como ineludibles referentes en el pensamiento y las culturas. Digamos, que la perennidad se debe al continuo histórico de los planteamientos mismos. Por eso, no es que el cristianismo católico determine la perennidad de estas ideas y conceptos filosóficos, sino que los reconoce, hace suyas e interpreta como lo hicieron en su tiempo Agustín de Hipona o Tomás de Aquino (Maritain, 1981); y, en este aspecto, no cabe duda del importante valor de los aportes dados desde el cristianismo, o como otros aportes de tantos hombres y mujeres actuales que tienen por preocupación pensar al hombre, a nuestras sociedades y mejorar la calidad de vida (Tedesco, 2000).

En honor al desarrollo histórico de la actividad filosófica en el sentido de conocimiento no técnico instrumental ni religioso en sentido estricto[1], sino del solo saber para conocer bien y vivir adecuadamente, los conceptos acuñados por ella y utilizados a lo largo de la historia del desarrollo del pensamiento deben ser considerados como aporte de la filosofía grecolatina, no por una defensa cerrada de la ‘occidentalidad’ de la filosofía, sino como cabal reconocimiento (Agazzi, 1980; Area, 2001).

Esto no significa la negación de una filosofía oriental, más antigua que la filosofía griega y que también brinda valiosos aportes; sin embargo, su pensamiento está más en orden al desarrollo espiritual, religioso del hombre, de ahí que se la entienda de una manera análoga, es decir, en cuanto actividad reflexiva[2]. Lo mismo pasa con la expresión

1 La mala interpretación de la filosofía puede conducir a las ideologías y a los fundamentalismos, dejando por ello de ser filosofía.

2 Mucho se ha discutido acerca del origen griego de la filosofía o si el pensamiento de oriente debe ser llamado como tal. Consideramos que esto depende, sobre todo, de cómo se entienda el término ‘filosofía’, de ahí que afirmemos debe

philosophia perennis que surge particularmente en un contexto occidental ya en su sentido local, ya culturalmente: Padua y el ámbito académico universitario, además, del filósofo que consideran origen de las interpretaciones que asumen, Aristóteles. De esta manera, el origen de la expresión está vinculada esencialmente a la filosofía griega y a la interpretación que acerca de ella hicieron medievales y modernos tanto de oriente como de occidente mismo (Cruz Hernández, 1996); por eso, los aportes posteriores al sentido de la expresión que le dieron un nuevo giro, tal como Guenón y Huxley lo hicieron, deben ser considerados en un uso analógico – comparativo, en su aspecto de conocimiento perenne y en herencia de la humanidad, pero que se ha ido dejando de lado por los pensadores contemporáneos.

Basándonos en el desarrollo histórico de la expresión, en fidelidad a su origen y teniendo en cuenta la afirmación de Urban Wilbur Marshall, consideramos al planteamiento aristotélico tomista como elemento fundamental, pero no único, de la filosofía perenne[3], de ahí el abordaje de este aspecto en el libro.

---

ser entendida principalmente, como actitud reflexiva y modo de pensar acerca de la realidad. Desde esta perspectiva hablaríamos que tanto oriente como occidente hicieron y hacen filosofía.

3 Hablamos de síntesis aristotélico-tomista en cuanto que no sólo se trata de un pensamiento exclusivo de ambos, sino que tanto Aristóteles como Tomás de Aquino asimilaron los conocimientos y reflexiones filosóficas de su tiempo. Aristóteles de los fisiócratas, de Sócrates y Platón por decir los principales; Tomás de Aquino, a su vez, del pensamiento griego en general, de la tradición patrística y las Sagradas Escrituras.

APORTES CONCEPTUALES DEL PERENNIALISMO PARA LA FILOSOFÍA Y LA EDUCACIÓN

Para finalizar este apartado, mencionemos las principales ideas dadas por la philosophia perennis entre las que se encuentran la teoría del ser y la existencia junto a los trascendentales en dimensión ontológica (conceptos tales como ser, unidad, bondad, causa-efecto, acto-potencia, entidad, cualidad, entre otros muchos), la comprensión del hombre en su conocer: la teoría del conocimiento (las relaciones entre intelecto y realidad, verdad, falsedad, analogía, interpretación, el proceso del conocimiento mismo) y en su actuar (dimensión ética y política, su finalidad y trascendencia) aportes que sin duda alguna sería insensato negarlos, rechazarlos o no reconocerlos.

1 | DESDE EL ÁMBITO ONTOLÓGICO Y METAFÍSICO

La filosofía no sería posible sin conceptos tales como ser, ente, acto, potencia, esencia, existencia, perfección, bien, unidad, causa-efecto, entre otros muchos de este tipo. En realidad, todo nuestro conocimiento e investigación aluden a ellos como elementos sin los cuales no es posible pensar; en cuanto tales, estos conceptos tuvieron origen en el mundo griego, y su estudio más sistemático en los textos de Aristóteles conocidos como Filosofía Primera o Metafísica. Toda filosofía posterior tendrá como soporte los ejes temáticos o tópicos aristotélicos y platónicos, aludiendo a sus textos una y otra vez ya como inicio de un conocimiento posterior, ya como crítica. Desde esta perspectiva podemos afirmar de algún modo, dado que tales conceptos perduran hasta hoy, la existencia de una philosophia perennis.

Entrando ya en la temática educativa, creemos que si ésta carece de un enfoque ontológico estaría completamente sesgada, pues, perderíamos su sentido y finalidad (Bowen, 1985; Corso,1996; Bárcena, 2005). Principalmente, por ejemplo, nos damos cuenta que la educación es un proceso que busca la perfección de la persona, aquí -deteniéndonos a pensar- están implicados conceptos tales como acto-potencia, bien, unidad, nociones eminentemente ontológicas que permiten tener una concepción integrada de lo que es la educación y lo que busca fundamentalmente (García Hoz, 1988).

Con la revolución industrial se dio origen a concepciones menos integradas del proceso educativo, entendiéndolo sobre todo como formación para la producción y la obtención de riqueza, o para la socialización, o para la satisfacción, o para alcanzar a desarrollar ciertas habilidades (Bowen, 1985), todos de una manera en particular, centrándonos en alcanzar logros y competencias, pero olvidándonos qué buscan estos, es decir, y no como perfección integral del ser persona.

Este último enfoque está siendo felizmente revalorizado en nuestro tiempo con la llamada educación personalizada, inclusiva y holística, pero quizá lo hayamos aprendido a

fuerza de trágicos sucesos y experiencias, que aún no terminamos por superar.

2 | DESDE LA TEORÍA DEL CONOCIMIENTO

Parte de la historia de la filosofía está marcada por la constante preocupación e interés en la manera de cómo el hombre conoce (Viniegra, 2002). Tenemos allí la perspectiva socrática a través de la dialéctica y su influencia en Platón al afirmar que conocemos por reminiscencia, es decir a través del recuerdo (anamnesis) de las esencias que nuestra alma ha captado en el mundo eidético; hipótesis con la cual no estaba completamente de acuerdo su discípulo Aristóteles, quien elabora una nueva explicación basándose en la observación de la realidad: conocemos a través de las actividades que desarrollan nuestros sentidos internos y externos al entrar en contacto con la realidad, por eso concluye que nada hay en nuestro intelecto si antes no ha sido captado por nuestros sentidos; interpretación que asimilara Tomás de Aquino integrándola con su perspectiva de fe (Fabro y Ocariz, 1980; 1990).

Esta misma preocupación siguió incólume en la filosofía posterior como por ejemplo Descartes, Hume, Inmanuel Kant por mencionar solo algunos que originaron sendas tendencias gnoseológicas: racionalismo, empirismo, criticismo y en su diversidad de variantes, que abrieron las puertas al mismo quehacer científico experimental posterior y también a su desborde. Los pioneros en el estudio del proceso de conocimiento y su teorización, Sócrates, Platón, Aristóteles estuvieron estrechamente vinculados por la relación maestro-discípulo, reafirmando el elemento del continuo histórico e interdependencia que hemos dilucidado como puntos de encuentro para la comprensión de la philosophia perennis.

Gracias a la preocupación de los filósofos mencionados sobre el tema del conocimiento y sus explicaciones teóricas es posible la creación de metodologías adecuadas para el aprendizaje, además, claro está, de ser base para los nuevos enfoques psicológicos que permiten un mejor estudio y diferenciación de nuestra intelección y su óptimo aprovechamiento, aspecto importantísimo en la educación contemporánea.

La llamada psicología pedagógica o psicología educativa se constituye en un eje fundamental para mejorar los métodos de enseñanza y evaluar el progreso de los estudiantes de todos los niveles (Rozek & Dal Forno, 2017), sin embargo, el punto inicial se encuentra en la reflexión y sistematización en torno al proceso del conocimiento dado por el pensamiento grecolatino cuya genialidad consiste en aperturar esta preocupación.

Preguntarse cómo es posible el conocimiento en el hombre, trae a colación a plantearse también de qué manera podría darse el mejor modo de adquirir conocimiento, es decir que a la pregunta gnoseológica cuyas respuestas las dio la filosofía y ahora la psicología, le sigue el cuestionamiento pedagógico buscando aclarar sobre cuál es la

manera más adecuada de enseñar y aprender.

3 | DESDE LA DIMENSIÓN ÉTICA Y POLÍTICA

La transmisión de los propios conocimientos de distinta índole, tanto hoy como ayer, es interés no sólo a un nivel personal, sino también social. Todas las culturas y grupos humanos tienen por preocupación el mantenimiento de sus conocimientos y tradiciones, se proyectan en la formación de sus sucedáneos, de las generaciones más jóvenes a través de sistemas educativos que, en un primer momento, era exclusivo de las castas religiosas y gobernantes; mientras que el pueblo era educado en actividades de índole práctica.

El aporte griego con su paidea como sistema educativo inicial y sus escuelas filosóficas hicieron más extensiva la práctica educativa no sin ciertas restricciones también (Jaeger, 2001). Sin embargo, lo interesante es el vínculo que establecen entre ética y política a través o por la educación. Esta perspectiva es mantenida en el pensamiento medieval, dándole connotaciones morales; en efecto, la persona (hipóstasis) no solamente se educa para ser feliz ciudadano del mundo, sino también para la eternidad, por ser imago Dei.

Recordemos, por ejemplo, las nociones griegas de *areté* (virtud) y *phrónesis* (prudencia, justo medio) como parte constitutiva armonizadora de la vida humana y, al mismo tiempo, los constituía en ciudadanos, miembros activos de las *polis* (ciudad-Estado). En la mentalidad latina la virtus (virtud) era entendida como aquella fuerza propia del humano que le permite desarrollar sus capacidades latentes y vivir rectamente. Estos aportes de la philosophia perennis nuevamente permiten captar la integridad del proceso educativo como proceso de perfección humana y social.

En la educación contemporánea se está enfatizando en la formación de lo ético y político a través de la educación en valores y para la democracia como por ejemplo el enfoque axiopedagógico de López Quintás (2013) así como el enfoque educativo – social de Paulo Freire (2005). Sin embargo, tengamos en cuenta, que si bien cada uno de los modelos educativos puede ser propuesto como paradigmas universalizables (estamos muchas veces tentados a ello), lo más adecuado es pensar el quehacer educativo de una manera contextualizada, permitiéndonos tener a aquellos como referentes, importantes sí, pero tal vez no apropiados totalmente a nuestra sociedad.

Como podemos apreciar son muchos los aportes que la philosophia perennis ha dado a la filosofía explícita o sistemática, a la misma historia de la cultura, y junto a ella a la educación.

TERCERA PARTE

Educación y filosofía de la educación

“La noción de conocimiento nos parece una y evidente.
Pero, en el momento en que se le interroga, estalla, se diversifica,
se multiplica en nociones innumerables,
planteando cada una de ellas una nueva interrogación”.
(Edgar Morin. El conocimiento del conocimiento).

¿QUÉ SE ENTIENDE POR EDUCACIÓN?

Comencemos por ver la acción de enseñar institucionalmente: Un salón de clase, es lo primero que viene a la mente, varios alumnos atentamente inquietos atendiendo a una persona por lo general mayor, el profesor. Teniendo solo esta imagen visual se puede entender la educación como transmisión y asimilación de algo, siendo así nos damos cuenta que se trata de un proceso donde quedan implicadas personas que posibilitan tal hecho: el grupo de alumnos y el profesor. Presupone, además, ahondando nuestra percepción, ciertas circunstancias, procedimientos, temas, finalidad, intención, y muchos otros elementos que complican nuestra imagen de primera vista.

El primer acercamiento para entender la educación no es tan sencillo como parece. Ella encierra múltiples ámbitos que cabe distinguir. Por ejemplo, hoy en día se suele hablar de educación a distancia, autoeducación, educación especial, educación inclusiva, y tantos términos afines que mantienen la idea de proceso intencional mencionada anteriormente. Esta idea de procedimiento por el cual se trasmite y asimila, deriva del sentido etimológico de los términos *educare* cuyo significado más inmediato es de conducir, guiar, orientar o dirigir, y de *educere* que expresa la idea de sacar, hacer salir, extraer o dar a luz.

La etimología latina[1] permite que conozcamos dos sentidos interrelacionados del fenómeno educativo: El de direccionalidad o de intervención, que hace referencia a la función de quien enseña, guía o 'interviene' al otro con una intención, tratando de ejercer cierta influencia (correspondiente al término educare); y, el de desarrollo o 'alumbramiento' que contiene la noción de aprendizaje y perfeccionamiento de quien recibe el mensaje intencionado (referido al educere). Tal análisis teórico acontece de manera dinámica y recíproca, imperceptible, en la realidad. La conceptualización etimológica sólo permite vislumbrar el procedimiento mas no su finalidad; en efecto, ¿por qué 'orientamos' y para qué se ayuda a 'extraer' el conocimiento?, un fundamental cuestionamiento, pero muchas veces obviado en la filosofía de la educación como asignatura para la formación de los futuros docentes.

Particularmente, en nuestros países, cuya problemática educativa es compleja, considero que las políticas educativas carecen también del tema reflexivo que le permitiría plantearse: ¿qué es lo que queremos lograr como país por medio de la educación?, ¿hacia dónde se orientan nuestros objetivos y metas educativas?, ¿logran nuestros métodos y políticas lo que pretendemos? Son cuestiones pendientes. Mayormente se enfatiza la parte cognitiva y metodológica de la educación olvidando sus fines, asunto que está presente en los planteamientos de la philosophia perennis y que, sin duda, nos aportaría valiosas ideas para comprender nuestra práctica educativa contemporánea, contextualizarla, replantearla. La philosophia perennis, enriquece notablemente el concepto de educación como veremos más adelante.

1 La raíz latina de donde provienen tales vocablos es *dux, cis* jefe, el que guía al ejército, estratega.

Ahora veamos el asunto desde la perspectiva de quienes actúan. Tanto el que ejerce la función de quien enseña como el que aprende son seres humanos. Sólo el hombre es sujeto capaz de educación. El parecido ejercicio que se hace con animales no es otra cosa que domesticación o, cuando se realiza entre ellos, se trata de una función instintiva y biológica. Aunque lo manifestado parezca sumamente obvio, cabe enfatizarlo debido a que la educación supone los actos volitivos y cognitivos, exige además una coparticipación responsable; en vano sería la práctica educativa sin un adecuado ánimo, a fin de que nuestras actitudes y aptitudes se encuentren bien dispuestas al aprendizaje, a la solución de problemas, a ver la vida con optimismo y a la educación como proyecto de vida.

A la potencialidad de adquirir nuevas conductas en el hombre a lo largo de su existencia, se le conoce como educabilidad; ésta se sustenta en la capacidad de cambio existente en todos los seres vivos, pero particularmente en el hombre, ya que se trata de un ser hipercomplejo biológicamente[2]. En efecto, cuando la estructura biológica es más compleja, mayor es su capacidad de aprender y perfeccionarse; mientras menos complicada sea, tal estructura viviente será más rígida y menos capaz de aprendizaje. Por otro lado, es sabido que el hombre es sujeto en relación; vive comunitariamente, está inserto en una realidad social, y al mismo tiempo, se espera que se adecue y transforme equilibradamente su ambiente. La educación comporta también este rasgo.

Efectivamente, puede hablarse de educación como proceso de instrucción y aprendizaje de conductas, patrones culturales y éticos, donde las generaciones más jóvenes son formadas por las adultas en los criterios considerados necesarios en su sociedad, imprimiendo una particularidad comunitaria. Sin embargo, no hay que olvidar el factor personal como capacidad de perfeccionamiento individual.

A pesar de los patrones culturales que rijan una determinada sociedad, es 'este hombre' el que se educa, y por su autónoma decisión unida a sus características personales, es capaz de tener criterios y valores propios que constituyen su personalidad; pues, aunque pareciera que el ser humano como sujeto de educación estuviera 'determinado' por su situación natural y el entorno social, sus cualidades específicas diferenciadoras (razón y voluntad) lo abren al ámbito de la libertad, de las múltiples posibilidades de aprender, de ser y de actuar.

Sin embargo, muchos pensadores contemporáneos dan poca cabida al ámbito de una auténtica libertad en el contexto actual, esto se debe –manifiestan- a que en nuestras sociedades poco o nada se promueve para la reflexión autónoma, al contrario, el automatismo dirigido por la manipulación del lenguaje y los medios de comunicación va cada vez más en extensiva.

---

2 Cfr. Educabilidad en Diccionario de las ciencias de la educación. p. 474. Para Robert J. Slavin la educabilidad desde la perspectiva de Tomás de Aquino es un don de arriba, más que una dádiva de la sociedad en la que el hombre vive. (El concepto tomista de la educación. Ensayos sobre tomismo. p.407)

Nuestra dependencia frente a los factores externos a nosotros es prácticamente completa. Basta con vincularnos a la caja boba y su intervención en nuestras vidas. Urge entonces una educación para la reflexión, es decir que promueva el análisis, la crítica[3] y la creatividad, lo cual exige no sólo la pasividad que encierra el sentido del educare, sino principalmente del educere, lo que ahora se conoce como pedagogía activa que también, si no se aplica con criterio, tiene sus limitaciones.

Por todo lo visto la educación es un proceso legítimo y necesario para la supervivencia humana que, en la amplísima gama de posibilidades, responde adecuadamente cada circunstancia, lo que al mismo tiempo lo hace 'ser' de un modo u otro, muchas veces, conforme a cánones puramente sociales sin tener en cuenta la constitución propia del ser humano que es desde donde debe educarse. Conocer su constitución propia significa comprenderlo biopsicológica y socialmente, pero también abierto a la trascendencia situacional y estructural, es decir comprender que somos más que seres orgánicos y vivientes, además estructuralmente, nuestra existencia es más que corporalidad.

El despliegue progresivo de la historia de la humanidad se realiza debido al encuentro coyuntural entre naturaleza, entendiéndola en el sentido más extenso; y, racionalidad, como actividad específicamente humana. En efecto, frente a la naturaleza, el hombre aún biológica y físicamente no especializado, ha superado su debilidad instintiva asegurando en primera instancia su supervivencia y posteriormente el desarrollo civilizado. Por las condiciones de su ambiente y el esfuerzo focalizado en la satisfacción de sus necesidades vitales, ha ido adquiriendo saber, experiencia; y, consecuentemente, la necesidad de trasmitirla.

Observando y reflexionando la realidad, se van elaborando conocimientos que luego son transmitidos. Observación, reflexión, elaboración y transmisión de conocimientos corresponden a la actividad filosófica y educativa en estrecho vínculo. Ambas hacen factible una adecuada visión del mundo; es lo que permite el desarrollo y formación integral de hombres y pueblos. El amor a la sabiduría o la búsqueda del conocimiento implican aprendizaje y asimilación, procesos propiamente educacionales sin los cuales sería imposible la acción reflexiva que comporta filosofar, haciendo que el hombre integre sus cualidades. Del pensamiento serio y agudo después de la observación, proviene el conocimiento que no queda solamente sabido, sino que busca ser trasmitido, mostrado, planteado a otros con una determinada intención, principalmente, actualizar en armonía todas sus dimensiones, es decir, formarlo. Por eso, educación y filosofía se encuentran en interdependencia.

Además de comportar reflexión, conocimiento y aprendizaje, la filosofía y la

3 Para el médico y educador Leonardo Viniegra (Educación y Crítica, 2002), muchas veces se considera a la crítica como una noción ajena a la educación, pero que paradójicamente es la aptitud cognoscitiva por excelencia, y como tal, el desarrollo de esta disposición en el proceso educativo es de suma importancia.

educación son actividades que se dirigen hacia una actividad vivencial, práctica. El hombre realiza estas actividades con intenciones, contenidos y fines; pues, saber por saber y aprender por no dejar de hacerlo resulta absurdo.

En este sentido, la actividad educativa va más allá de una simple transmisión de conocimientos, implica la formación del ser humano, de la persona en su totalidad. Por su parte, la actividad filosófica ha dado origen a las ciencias, y éstas han progresado hasta lograr autonomía; así tenemos las diversas ciencias formales, naturales y humanas. Al ser estudiado el hecho educativo desde las ciencias naturales y humanas, se originan diversas ciencias educativas como la teoría de la educación, o la historia de la misma. Pese a la total autonomía de cada uno de los saberes, la filosofía por su actitud reflexiva, crítica, y su disposición al análisis de cuestiones últimas, ha encontrado en cada ciencia un vasto campo de despliegue, reflexionando desde el mismo ámbito autónomo del propio ser humano como persona y cómo se le comprende desde diversas perspectivas, para luego abordar la Educación y la Filosofía de la educación.

PERSPECTIVAS SOBRE EL HOMBRE Y LA EDUCACIÓN

No se entiende la educación sin una visión del sujeto de la misma. Son muchas las perspectivas que se tienen del hombre y de su situación en el universo como referencia. Conforme se le perciba se tendrá una noción de educación. En este apartado veremos las principales perspectivas y su particular idea de educación.

1 I EL HOMBRE DISUELTO EN EL TODO

Considera esta perspectiva que toda realidad existente, incluyendo al ser humano, forma parte del cosmos, del orden universal; por eso, también la llaman perspectiva cosmologista y tiene por ideal humano la vinculación armónica con el universo, siendo su camino feliz y auténtico sentido de la vida, desplegar toda tendencia natural que habita en el hombre, pues, de modo latente hay en él equilibrio y armonía.

Desde aquí la educación será de tipo intimista; es decir, los 'maestros' dan a conocer el método o camino, convertidas en reglas de modo de vida y técnicas de ejercicios psicofísicos. Cada cual se constituye en maestro de sí mismo al conocerse y descubrir las potencialidades naturales que pueda explotar; las normas de vida, las leyes morales, los valores ni se proponen ni imponen, están implícitos y deben ser descubiertos. Se promueve la libertad total que sigue la armonía de la naturaleza, puesto que la enseñanza fuera de lo natural no es más que represión y aniquilamiento de un modo de ser, toda prohibición es antinatural porque cohíbe lo realmente humano.

Un elocuente ejemplo de esta perspectiva son las diversas religiones orientales. Hace más de dos mil quinientos cincuenta años, Siddhartha Gautama nació al norte de India. De joven dedicó seis años buscando el sentido de su vida a través de la meditación; reconociendo la verdadera naturaleza de su mente, se convirtió en Buda, el que está despierto. Sus enseñanzas, que hacen a los seres sintientes (así llama a los hombres) no temerosos, gozosos y amables, son la principal doctrina religiosa de varios países en el este asiático. Buda histórico después de haber alcanzado la iluminación, compartió sus métodos para descubrir la mente por un total de cuarenta y cinco años. Es por esta razón que sus enseñanzas, llamadas Dharma, son tan vastas[1]. Esto justifica la evaluación que hizo al final de su vida: Puedo morir tranquilo. No he mantenido una sola enseñanza en mi puño cerrado. Todo lo que les puede beneficiar se los he dado. Sus últimas afirmaciones ponen al budismo lejos de ser considerado una religión, sino como una filosofía de vida: *Ahora, no crean mis palabras porque Buda les dijo, pero examínenlas muy bien. Sean una luz para sí mismos*. Estas declaraciones muestran la aproximación práctica del budismo hacia lo que consideramos como la vida real. Cuando las personas preguntaban a Buda porqué y cómo había enseñado, él respondía: "*Yo enseño porque ustedes y todos los seres*

1 El Kanjur o palabras de Buda, contiene 84,000 enseñanzas, reunidas en 108 volúmenes. Después surgen comentarios a estas enseñanzas, el Tenjur, con un total de 254 extensos libros.

sintientes buscan la felicidad y tratan de evitar el sufrimiento. Yo enseño las cosas como son"[2]. Entender las cosas como son es la clave de la total felicidad.

Buda dio métodos a través de los cuales puede ser alcanzada la completa iluminación, definiendo los tipos de enseñanzas relacionadas con la verdad última o condicionada; enseñó a sus estudiantes a ser escépticos, invitándolos a descubrir por sí mismos las enseñanzas liberadoras y distinguirlas de las doctrinas dogmáticas; asimismo, en forma práctica y entendible enseña a utilizar todas las experiencias de la vida como peldaños hacia la iluminación, dando métodos que conducen y guían a la felicidad duradera. En la actualidad hay diversas tendencias surgidas del budismo, todas ellas tienen como fin común, a pesar de sus peculiaridades, la armonía natural del ser humano con todo lo que le rodea, por ejemplo, el llamado grupo MOA[3] International que procura hacer posible un mundo de belleza a través de hogares y hombres plenos de belleza que no es otra cosa sino la armonía integrada de los diversos aspectos humanos.

Lo que se ha rescatado dentro de la pedagogía contemporánea de esta tendencia milenaria es la comprensión holística que se manifiesta por una educación en la salud y el cuidado del medio ambiente, esta idea pedagógica está presente pero aún no se concientiza lo suficiente en ella, las políticas educativas la expresan pero los mismos políticos, incluso los que tienen mayor poder e influencia a nivel internacional poco o nada hacen para aminorar los altos índices de contaminación ambiental que paliarían en algo el fenómeno del calentamiento global.

2 | EL HOMBRE COMO SER TRASCENDENTE

Esta postura también llamada trascendentalista ve al hombre como un ser no solo material o puramente terreno; en él se encuentran realidades espirituales que superan la fugacidad de lo mundano. Si de alguna manera la anterior postura es de corte panteísta, esta es teísta. Lo existente es causado por Dios y tiende hacia él; en este sentido, la vida humana se orienta hacia la eternidad de su creador; el mundo terreno al cual quedamos atados por nuestra corporeidad, es pasajero. Surge entonces la pedagogía del peregrino, del esfuerzo en busca del premio y del temor al castigo[4].

La tendencia trascendentalista prioriza los valores religiosos y espirituales. La educación va en esta misma perspectiva, pues ella prepara para la difícil situación del hombre en el mundo del cual quiere liberarse para ser feliz. La educación es en esencia coercitiva y teleológicamente reorientadora de la naturaleza humana.

---

2 Se tratan de toda una 'ontología' del budismo. Las cosas como son, se traducen como Dharma o Chö.

3 Iniciales del maestro budista Mokichi Okada (1882-1955) que incursionó en la medicina, la agricultura y el arte como un método síntesis de salud integral y bienestar, que difundió a través de la fundación de diversas organizaciones.

4 Tomás de Aquino, cronológicamente, pertenece a esta perspectiva del mundo y de la educación. Sin embargo, como veremos más adelante, su concepción de educación supera largamente a como se la entendía en su tiempo.

El maestro es quien ha alcanzado mayor experiencia en la lucha con el mundo, es más espiritualizado, en consecuencia, está capacitado para determinar lo mejor en los neófitos o iniciados, constituyéndose en indicador de sendas y reformador de los instintos del hombre. Este modo de ver el hombre y su aprendizaje estuvo presente en el medioevo, y en nuestro país durante la colonia, sin embargo, puede considerarse como más extensiva ya que de alguna manera las diversas religiones la han asumido en algún momento de su comprensión histórica, incluso muchas hoy en día, deviniendo si no es asumida adecuadamente, en tendencias fundamentalistas.

Lo heredado por la pedagogía contemporánea de esta tendencia es la formación espiritual de la persona, pues ella no es sólo un ser corporal, sino un sujeto de fines y sentido (Selles,1995).

3 I EL HOMBRE COMO SER RACIONAL

Se tiene en cuenta lo específicamente humano, la razón. El hombre, según esta perspectiva, refiere que es por esta característica superior a todos los seres de la naturaleza, por ello –a diferencia de la igualdad cosmologista- ve al mundo en orden jerárquico presidido por el homo sapiens, encumbrado, sobre todo.

Gracias a su razón el hombre da sentido a lo existente, recrea al mundo. Su pensamiento e ideas preceden a la acción; por ello, esta perspectiva queda insertada en el idealismo y el racionalismo. Lo primero debido a la pretensión de construir un mundo conforme a sus ideales y, lo segundo, por valorar excesivamente la potencialidad intelectiva.

Conforme a esta visión del hombre la educación se torna extremadamente teórica, racional, académica; aconteciendo la separación entre teoría y praxis, entre conocimiento y acción, con la consecuencia sociológica de la élite que piensa y la horda que trabaja. El maestro necesariamente debe tener una mente enciclopédica y el alumno la memoria suficiente para almacenar datos trasmitidos al margen del análisis crítico.

Vernon Mallinson (en Château, 1996) en uno de sus ensayos pedagógicos, sitúa a John Locke, filósofo del s. XVII, aquella época racionalista a la que pertenecieron también Descartes, Bacon y Hobbes, como ejemplo de esta perspectiva. Dice Locke: "*Renunciemos a las vanas investigaciones trascendentales, a todas esas estériles disputas metafísicas a propósito del alma, las sustancias, las causas y lo demás... Examinemos las operaciones efectivas, el trabajo real, cotidiano, de nuestro entendimiento para regular, de acuerdo con él nuestra conducta. Nuestras facultades humanas están en proporción con nuestras necesidades naturales... El espíritu es una 'tabula rasa'. Antes de ejercitarse no es nada y nada sabe. Ha de aprenderlo todo, adquirirlo todo y formarse insensiblemente, sin más ayuda ni recurso que su propia experiencia"* (p.125).

Para John Locke, el maestro, o preceptor (apuesta por la enseñanza personalizada)

ha de ser un erudito que no esté atiborrado de erudición, es decir, un hombre de mundo, que conozca bien su mundo y no pueda ser burlado por él. La erudición es necesaria siempre y cuando sea adecuada al entorno, para que se logre también una formación moral. El racionalismo como pedagogía se hizo extensivo en el siglo de las luces francés, italiano, alemán con sus variantes. Por ejemplo, el enciclopedismo en Francia con su interés por el conocimiento total y al mismo tiempo con la plena convicción del bienestar que traerían los nuevos ideales políticos; a su vez, la ilustración italiana con su apuesta por el arte que revelan simbólicamente la complejidad de aquellos siglos XVII - XVIII, mientras que el aukflarung alemán se ostentaba el rigor crítico e idealista de su filosofía.

Prácticamente en los siglos siguientes XIX y XX, el conocimiento iba generándose imparable y la educación se asimiló a tales logros. La pedagogía se plantearía los retos de mejorar el aprendizaje que era vista principalmente como adquisición de conocimientos, recopilación de tantos datos producidos por la vanguardia científica y tecnológica. Tengamos en cuenta nuestro contexto, incluso hoy abundan los colegios y centros preuniversitarios que garantizan el ingreso a una universidad y hasta el éxito profesional si es que se pasa por ellos, y su estrategia didáctica se basa en la memorización de datos y técnicas para operar lógica y matemáticamente, y más aún para resolver exámenes objetivos, obviando la formación para el análisis crítico y la reflexión, además de la educación axiológica. Este fenómeno se ha invertido en nuestro siglo XXI, la información es tan abundante que más se hace necesario el discernimiento de los datos y comprensión de los mismos, aunque la gran olvidada sea la educación para la formación personal bajo el fuerte peso de una educación profesionista.

4 | EL HOMBRE COMO MEDIO DE PRODUCCIÓN

La razón sólo cuenta en función de la acción; pensar es hacerlo en vistas al logro de objetivos concretos contando primordialmente con la efectividad. El hombre es transformador del mundo en virtud del trabajo (homo faber) canonizado así por la ideología capitalista en vistas a la producción industrial y económica dentro de un mundo tecnológico y altamente competitivo. Toda esta percepción brota del positivismo, cuya influencia en la educación es percibida desde dos aspectos:

1° En primer lugar cuando la educación es vista como fuente de crecimiento económico y tecnológico dejando de lado los demás ámbitos; siendo una actividad con orientación utilitarista, un simple medio para mejorar la producción. Además, la educación es considerada una inversión para el bienestar material y la rentabilidad, dando origen a la elitización de las profesiones. En este sentido, la educación como sistema queda ajustada al factor social, puesto que se pretende la adecuación del sujeto a los objetivos sociales, exigiendo una preparación técnica y económica. Esta vertiente positivista se la conoce

como tecnologismo, por unos o, economicismo por otros. Es la visión capitalista del mundo.

Alain, pedagogo influenciado por Descartes, Spinoza y Comte, tiene presente esta concepción de la educación, dice:

> *"Que el niño lea, o que escriba, o que calcule, esa acción desnuda es su pequeño mundo, que debe bastar. Y todo ese tedio, ahí alrededor, y ese vacío sin profundidad, son como una acción elocuente, pues solo hay una cosa que importa para ti, muchachito, es lo que tú haces. Si lo haces bien o mal, eso lo sabrás enseguida, pero has lo que tú haces... No hay progreso para ningún escolar del mundo, ni en lo que oye ni en lo que ve, sino solo en lo que hace... porque al informarse de todo, no se sabe nunca de nada. Se aprende la política trasmitiendo órdenes y copiando despachos, no de otro modo. Y hasta llegaré a decir que, en todo trabajo, debe agotarse en primer lugar el deseo de hacer las cosas bien..."* (Juif & Legrand, 1998; pp.29-31)

2° Aquella que concibe a la sociedad como un enmarañado de funciones realizado por personas. Cada función desempeñada se realiza a través del eficaz sistema de normas (leyes, formas de conducta, valores, etc.) latentes en las actividades funcionales. La finalidad de la educación es la inserción social (socialización), que tiene por objetivo el adiestramiento en las funciones sociales, destacando la interrelación humana. En este sentido, la institución educativa es lugar de consenso y adaptación a lo preestablecido. Se trata de la postura sociologista. Por ejemplo, Emile Durkheim, (en Château, 1996) realiza una analogía que tiene por clave el desempeño de la función entre la labor del pedagogo y la del sacerdote:

> *"El maestro laico debe tener algo de esta persuasión (la del sacerdote). También él es mandatario de una gran persona moral que lo supera: la sociedad. Y lo mismo que el sacerdote es intérprete de su dios, el maestro es intérprete de las grandes ideas morales de su tiempo y de su país"* (p.27).

Es cierto que la educación es un medio para mejorar la calidad de vida humana, y al mismo tiempo tiene una dimensión social, sin embargo, se debe tener en cuenta que la calidad de vida no está determinada exclusivamente por el bienestar económico los medios de producción fabriles de décadas atrás o las nuevas formas de producción, puesto que éstas sin una adecuada distribución crea situaciones de injusticia, pobreza y junto a ellas caos social. La educación debe formar a la persona como sujeto social, corresponsable del desarrollo integral tanto de sí mismo como de los demás.

5 I EL HOMBRE COMO SER AFECTIVO

Es la desengañada consecuencia del ideal tecno- económico y la desconfianza en la razón[5]; por ello, es contraria al idealismo y al positivismo en sus dos vertientes, prioriza

5 Para una comprensión integrada de las potencialidades de la inteligencia y la importancia de sentimientos y emociones es interesante leer La inteligencia emocional de Daniel Goleman.

el aspecto vivo del hombre, la vivencia afectiva es total, cuya filosofía de que la existencia precede a la esencia, promueve la postura existencialista: El orden fáctico es que primero se vive y después se conoce, nadie deja de vivir su vida para conocerla; primero somos, después intentamos definirnos.

El existencialismo critica la carencia del factor integrador de las posturas idealista y positivista, ellas en pro del progreso han hecho del hombre una pieza de engranaje, un objeto, obviando su realidad afectiva, la subjetividad; generando en consecuencia una crisis de identidad humana, una ruptura interna que disgrega el ser personal. Para la educación moderna es notable la influencia de la perspectiva existencialista en el aspecto integrador del hombre y la reivindicación del aspecto subjetivo; pues, incidiendo en el principio de libertad la promueve como indispensable para el desarrollo de la creatividad; en este sentido, la enseñanza apunta a la responsable autonomía del hombre, a incentivar las relaciones humanas. En síntesis, la educación desde el existencialismo pretende la creación de un humanismo integrado y armónico.

Uno de los grandes pedagogos de nuestro tiempo, es sin duda Jean Château quien trata de conciliar las tradiciones pedagógicas del pasado con lo mejor de la pedagogía contemporánea como el único medio de superar el vacío pedagógico causado por los racionalistas.

Château (1996) introduce el término 'humanidades educativas' como contrapuesto a la concepción antropológica y educativa del humanismo moderno; proponiendo, además, un humanismo que integre las dimensiones intelectivas y afectivas del hombre. Dice*:*

> *"Ahora bien, la educación del hombrecito, primeramente, es un desarrollo, o más bien una creación de esas cualidades de espíritu, por las cuales el hombre, evadiéndose del ambiente inmediato en el mundo de la representación, ha llegado a ordenar mejor su propia persona y el mundo que lo rodea. El corazón también cuenta, sin duda, pero la educación del corazón no será válida si el corazón no razona... A través de la fantasía, el niño debe ir primeramente al 'hombre', y me asustan esos pequeños hombrecitos que, en el patio del recreo, juegan a ser la maestra, o mejor aún, el hada. Ahí está el camino real hacia lo humano, el camino que no permite ensuciarse con el barro del hombre real y fracasos. Ya vendrá el tiempo de las faltas y los fracasos con la adolescencia, como lo dice muy bien Rosseau. Pero si 'Emilio' primeramente ha soñado con el 'hombre', con el gran hombre, con el modelo venerado, podrá atravesar mejor, sin pena, el tiempo de las faltas y las angustias"* (p.34).

Se le debe mucho a esta comprensión del ser humano, habiendo generado grandes personalidades que innovaron el quehacer pedagógico como María Montessori e Iván Decroly quienes enfatizan la importancia de la dimensión afectiva en la formación de los niños y educandos. Sin embargo, lo limitante del existencialismo pedagógico es la exacerbación de la autonomía, originando un marcado individualismo que degenera en la malformación ególatra de buscar exclusivamente los propios intereses a cualquier precio y

por cualquier medio, sin importar los vínculos y las reglas sociales. Esto es un gran riesgo, porque trae consigo una corrupción institucionalizada, y una vida sin ética ni moral, ya que sólo me importa mis afectos y la vida se mueve según los intereses que lo alienten.

6 I HUMANISMO SOCIAL

Debido al desengaño de los momentos históricos del pasado cuya herencia es la experiencia, el ser humano comprende que ningún absolutismo es beneficioso, y que el relativismo no es otra cosa sino su dogmático contrario. Se trata de una perspectiva integrada donde cada persona si bien comparte su naturaleza común con los otros, también tiene derecho a distinguirse de los mismos según su cultura, su personalidad y sus propios criterios.

El ser humano en su contingencia apunta a la trascendencia, pero entiende que toda la realidad cercana se circunscribe a lo contingente; en el conocimiento no hay nada definitivo debido a los nuevos descubrimientos científico y técnicos; efectivamente, el hombre es un ser en búsqueda y cada nuevo logro en su saber abre posibilidades insospechadas de zonas por explorar.

Como todo humanismo, esta postura confía en las potencialidades intelectuales y afectivas del hombre. El ser humano da sentido a lo existente, está abierto a toda realidad y perspectiva; de ahí que la educación deba incentivar la creatividad en dirección a una responsabilidad social, considerando la tolerancia y la solidaridad como virtudes éticas fundamentales de la nueva sociedad.

La relación entre docentes–alumnos, es de coeducación, de enseñanza mutua. La evaluación se fundamenta ya no en el almacenamiento y repetición de conceptos, sino en la elaboración de reflexión y criterios propios. Es función del maestro enseñar con métodos creativos a fin de que sean los mismos alumnos quienes descubran los conceptos y los apliquen a la realidad. El informe Faure de UNESCO (1973) presenta criterios orientadores para lograr excelencia en la educación del mundo moderno. Estos son: a) Apuntar hacia un humanismo científico, b) Incentivar la creatividad, c) Crear conciencia social y, d) Que eduque al hombre en su integridad, tal como le expresaba desde hace décadas el mencionado informe.

El jesuita Alberto Hurtado (1994) es quien innova con esta perspectiva sobre el ser humano, motivado por una interpretación cristiana de la vida. Habiendo escrito un libro con el título de Humanismo social, realiza una radiografía de la sociedad chilena de su época (1940), realidad a la que no escapa ningún país de América Latina; su escrito no queda reducido a esta parte del mundo, pues se trata de toda una visión del entorno social del ser humano concreto, de "este hombre" que vive, sufre, que se alegra y proyecta en mejorar sus condiciones de vida, en busca de su dignidad.

El humanismo social, apuesta por una educación de este tipo; al respecto dice el sacerdote Alberto Hurtado (1994):

> *"Una auténtica educación social es la que pone en íntimo contacto al educando con la realidad del ambiente en que vive, con sus alegrías, triunfos, cualidades para la acción a fin de que se alegre y las aproveche; con sus dolores para que los sienta como propios, con sus problemas para que se esfuerce en resolverlos, siempre teniendo presente en su espíritu el pensamiento de san Agustín: "Decís que los tiempos son malos, sed vosotros mejores y los tiempos serán mejores: vosotros sois el tiempo"* (p.47). Además, concibe la acción humana como acto sacralizador, trayendo consigo la exigencia, la responsabilidad, el cuidado con que debe hacerse: *"Cada profesión ha de ser concebida no solo como un medio de ganarse la vida, de mejorar su situación económica, de labrar un porvenir a sus hijos, sino también como el ejercicio de una misión social y una colaboración al bien común de la sociedad".* (p.97).

7 l HOMO DIGITALIS, HOMO VIDENS

Giovanni Sartori (1998) manifiesta que el hombre de finales del s. XX, con proyecciones hacia estas primeras décadas de nuestro siglo que está en marcha, ha dejado la época industrial y ha pasado a la era digital; el paso del homo prensilis al homo digitalis está marcado por los artefactos digitalizados, el avance tecnológico y los medios de comunicación. Esto se ha incrementado exponencialmente con la pandemia COVID19.

La cultura de la información paradójicamente genera desinformación, y en el campo educativo genera sociedades automatizadas, acríticas, manipuladas –y en consecuencia- sociedades con poca o nula participación política, ni valores sociales. Esto se refleja, por ejemplo, en aumento de las pandillas urbanas juveniles, la mala calidad educativa en nuestros países llamados en vías de desarrollo, y en las llamadas sociedades desarrolladas altos índices de muertes entre jóvenes en los centros de estudios de todos los niveles.

Para finalizar este apartado decimos que todas estas perspectivas sobre el hombre y la educación tienen algo rescatable: respondieron con efectividad en su tiempo y contexto, contribuyendo a que la venidera se acrecentase con su experiencia. En nuestro hoy comprobamos por ejemplo que el ideal de educación contiene la armonía y buenas relaciones con el cosmos y el cuidado del medio ambiente aportado por la perspectiva cosmologista; a su vez, la educación en valores y de la afectividad como lo viera la postura trascendentalista y existencialista; la educación científica, humanística y técnica aportada por los enfoques racionalistas y capitalistas.

La educación para el tercer milenio debe verse desde todos estos criterios de manera integrada; pues, cada uno de ellos compete al hombre de manera ineludible. Este es el reto de la educación contemporánea, un contexto complejo que requiere ser entendido holística e integralmente.

CARACTERÍSTICAS DE LA EDUCACIÓN

Presentamos las características advertidas en la observación del hecho educativo. Lo primero es el *contacto humano*[1] dado por la dimensión social propia del hombre; él requiere de interacción con sus semejantes, del intercambio no solo formal sino comprometido, vivencial. Para una buena educación, el contacto humano desde la primera etapa de vida, no debe ser superficial, sino que señale hacia un compromiso real, vivido. El primer contacto es con la madre, ya desde la gestación; la educación contemporánea ha desarrollado en este aspecto la estimulación prenatal y durante los primeros años la estimulación temprana.

Cuánta importancia del primer contacto humano: los padres, el ámbito familiar; sin embargo, por la rapidez en que se desarrolla la vida contemporánea, los neonatos actualmente pasan muy pronto a interactuar entre pares en los nidos y guarderías, lo cual disminuye el contacto afectivo intrafamiliar, y por ende el afecto familiar y las seguridades base que ella aporta.

La educación requiere además de un *objetivo* o *finalidad* manifestada incluso de manera implícita. El objetivo señala la dirección a la cual se orienta el acto educativo, que puede ser cultural, específica o globalizada. Podríamos decir que la educación tiene por finalidad el perfeccionamiento constante del ser humano, que se presenta como ser inacabado, abierto a la búsqueda del conocimiento y desarrollo de su personalidad que va logrando poco a poco. Muchas veces se da por supuesto la finalidad de la educación, tanto que se pierde, enfatizándose aspectos o puramente cognitivos o metodológicos.

La experiencia docente tenida en centros de formación pedagógica nos ha dado cuenta de ello, pues cuando se les pregunta a los estudiantes ¿cuál es la finalidad de la educación? la respuesta es ‘enseñar’ o ‘que los alumnos aprendan’; lo mismo pasa cuando he conversado con directores de escuelas normales, ellos van más por el aspecto social, dicen: ‘formar ciudadanos’ u ‘hacer hombres libres’. Todas estas respuestas, aunque ciertas son parcializadas, sólo ven un aspecto de la educación, unos olvidan el factor social, otros lo enfatizan, unos asumen el aspecto cognitivo, otros el aspecto metodológico, pero muy pocos lo asumen como ‘formación integral’, es decir obviaron la finalidad. ¿Qué consecuencias trae esta situación? Formar aspectos o dimensiones de la persona, pero no todos ellos en relación: Alguien será extremadamente conocedor de datos, pero inexperto en relacionarlos o discernirlos, por mencionar una posibilidad. El ideal es que se tenga mínimas condiciones, actitudes y aptitudes de todas las capacidades humanas y que a lo largo de la vida las vayan plenificando (Suárez, 1990).

Esto constituye otra característica de la educación: *la referencia al perfeccionamiento* u optimización, en efecto, cuando alguien se educa lo hace para habilitarse de cualidades

1 El contacto humano es fundamental para la buena educación de la persona. Un contacto no representativo o violento es causa de desintegración emocional. La educación como relación humana debe aprovecharse al máximo.

que lo desarrollen plenamente en todas sus dimensiones. Me resulta extraño que quienes forman en las distintas profesiones contemporáneas de mayor demanda, por ejemplo, la administración de empresas, el marketing, las ciencias de la comunicación, la ingeniería industrial, entre otras, busquen la excelencia en sus egresados, creyendo que está referida a la adquisición de las habilidades y capacidades propias de su profesión: muchos conocimientos, avanzadas estrategias, manipulación de instrumentos de vanguardia, no teniendo en cuenta que antes de ser profesionales son personas: poco hará el conocedor acrítico, el profesional no creativo, irresponsable, inescrupuloso. La optimización educativa en todos sus niveles requiere la excelencia, y esta exige una formación personal de base, integral en su estructura, especializada en su área como columnas.

El contacto humano, la finalidad y la optimización, son características de la educación que corresponden al aspecto que llamo teleológico o direccional. Si hablamos de direccionalidad en la educación, es obvia la percepción de la dinamicidad que encierra, siendo captada como proceso. Desde aquí se ubican otras tres características: La educación es un proceso gradual, integral y activo, es decir que los aprendizajes y logros van adquiriéndose de acuerdo a aspiraciones graduales en proporción a la edad biológica y psíquica del sujeto, los intereses particulares y sociales; además, todo este conjunto de aspiraciones y logros pretenden la formación no solo de un aspecto de la persona sino de toda ella en integridad, participando activamente, en reciprocidad, el sujeto que se educa y el que lo promueve o motiva.

LA EDUCACIÓN COMO HECHO Y TEORÍA SOBRE LA EDUCACIÓN

Partiendo del 'análisis fenomenológico' de la educación, debido a los muchos conceptos existentes -tantos como cuantos autores la investiguen- se la entiende como proceso de transmisión y aprendizaje entre individuos comprometidos vivencialmente. Este es un primer concepto de educación percibiéndola como acto, es decir, como acción de educar.

Una teoría[1] de la educación reviste de un matiz especial. En primera instancia cabe distinguir que, una cosa es la educación como acto, es decir, el ejercicio de transmisión de conocimientos con la finalidad de ir formando a la persona de modo integral y, otra distinta, cuando observada la acción de enseñar se elabora un conjunto de abstracciones cuya finalidad es hacer más eficaz tal práctica, o en todo caso sustentarla. De este modo, hay distinción entre la educación como hecho práctico y una teoría sobre la misma.

El acto educativo está referido a la acción de transferir conocimientos y al aprendizaje; y, por ser acción específicamente humana tiene connotación moral. En cambio, una teoría de la educación presupone la acción de enseñar, luego justifica la relación interpersonal[2] que se da en la misma; y, finalmente, elabora estructuras conceptuales que permitan el logro de objetivos previstos. Para la elaboración de una teoría educativa, la coyuntura socio-temporal en que surge adquiere un valor preponderante. Ella, teniendo una idea precisa sobre el hombre y la sociedad, determina un sistema educativo que responde al planteamiento de supuestos teóricos. Para que una teoría educativa sea completa debe tener en cuenta todas las dimensiones del hombre, viéndolo como sujeto integrado. Si no sucede esto se trata de una teoría educativa sesgada, propiamente un sistema instruccional, que adoctrina e ideologiza, pero no educa.

La educación como hecho y una teoría de la educación se relacionan íntimamente. La segunda supone a la primera, y ambas permiten un mayor conocimiento de la realidad que óptimamente deben orientarse a la comprensión integral de la realidad. Al respecto dice un autor: *Hay una relación bien estrecha entre acción práctica y visión teórica del mundo y de la vida. Una acción contiene siempre un momento especulativo, y la misma teorización alude a una actividad, la acción de teorizar (...) Esta constatación que es común a todos los hombres, si bien no la tenemos presente nos permite pensar que también la educación es una actividad humana que hermana teoría y acción, componentes fundamentales de la vida del hombre. No puede darse un acto educativo (conscientemente pensado como tal) sin una visión general sobre el mundo, sobre el hombre, sobre Dios. No puede existir ninguna teoría filosófica (que sea digna de tal nombre, y que no se limite –si ello fuera posible- al puro ejercicio intelectual, que también es un acto responsable y libre) que no*

1 El significado etimológico es contemplar. Sin embargo, con frecuencia se utiliza en tres sentidos: a) Como conocimiento puro, b) como fondo conceptual de una actividad práctica; y, c) en el sentido de la ciencia moderna. Para este caso utilizo la segunda acepción.

2 No toda relación inter personal, es en sentido estricto, un acto educativo.

tenga inmediatamente consecuencias educativas (Pascual, 1999; p.83).

La anterior cita, trae entre manos el indistinto uso que se da a los términos teoría y filosofía, surgiendo confusión, en la percepción y contenidos, entre 'filosofía' y 'teoría' de la educación que, en sentido extenso, pueden significar lo mismo. Sin embargo, es necesaria una aclaración que delimite el ámbito de cada una.

La educación como hecho hace referencia a la acción de transmisión de conocimientos, lo que se conoce por enseñanza; con la intención de formar a 'esta' persona; mientras que la teoría de la educación se percibe como fondo conceptual de la enseñanza en general o determinada, que supone una visión del hombre, del mundo y una intencionalidad[3]. En cambio, la Filosofía de la educación se preocupa por las cuestiones últimas ya sea reflexionada como hecho ya como teoría; en este sentido, tiene mayor amplitud. Al respecto dice Antonio Cervera Espinoza: La teoría de la educación debiera apuntar más bien hacia un marco referencial de doctrinas científicas sobre la temática pedagógica, mientras que la filosofía de la educación habría de apoyarse en estas mismas doctrinas, para elaborar un marco de referencia no científico, con los métodos de pensamiento que le son propios (Sánchez Cerezo, 1983).

Finalmente, después de haber visto la complejidad que comporta la educación, se puede esbozar una definición que sintetice todos los aspectos tratados: Ella es un proceso continuo que, mediante constantes y graduales aprendizajes, el sujeto explicita y desarrolla sus cualidades naturales y adquiere conocimientos y comportamientos que le permiten desenvolverse adecuadamente en su entorno natural y familiar, integrándose a la sociedad, formando el tipo de personalidad ideal y apropiada que requiere; es decir que se trata de un proceso de perfeccionamiento.

3 La teoría de la educación es más particular; es decir un enfoque desde una concepción de la realidad, la científica. Justamente debido al auge de esta, se pretendió suplantar el término filosofía por el de teoría de la educación.

FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN

Habiendo visto separadamente filosofía y educación en sus relaciones, en este apartado presento qué es y en qué consiste la filosofía de la educación, proponiendo, además, los contenidos temáticos que considero fundamentales para el presente ámbito filosófico.

Se habla de filosofía del arte, filosofía política, filosofía de la religión... en fin, de cualquier ámbito de la vida que sea causa de reflexión sistemática, problematizable y que apunte –además- a una viable integración resolutiva[1] requiere de la filosofía en su método y como actitud. Teniendo algunos conceptos claros sobre qué es la educación y en que consiste la filosofía, podemos aproximarnos a definir filosofía de la educación.

1 I BUSCANDO UNA DEFINICIÓN

La filosofía de la educación puede parecer como híbrido en el ámbito de las humanidades. Si ella es vista de esta manera, resulta siendo un conjunto de conocimientos puestos subrepticiamente, surgiendo la dispersión temática y la no distinción frente otras áreas del saber filosófico; entonces, lo mismo será filosofía que teoría de la educación, o la narración cronológica de los sistemas e ideas educacionales que con mayor precisión se trata de una 'historia' de la educación.

Si partimos de un esquema sobre las ciencias de la educación que nos ayude a la visualización del lugar que ocupa en entre ellas la 'filosofía de la educación', comprenderemos que cualquier área del saber, tiene dimensiones que le conciernen ineludiblemente. Siempre hay un sujeto referido no solo a quien ejecuta el conocimiento sino también qué se busca conocer, es decir, el 'objeto' de estudio. Nos acercamos a la observación del mismo de manera determinada, con una metodología propia, situamos además nuestro 'objeto' en un contexto y, conforme lo vayamos conociendo encontraremos sus contenidos. Toda esta dinámica tiene una intención que no solo está ordenada en la consecución del conocimiento pleno del 'objeto', sino también se orienta a la finalidad, en el por qué y para qué se quiere estudiarlo y conocerlo.

Aplicando estas dimensiones al acto educativo, es decir, tomando la educación como motivo de estudio, nos damos cuenta que:

1° La educación es desarrollada por personas. Estas son los 'sujetos' del acto educativo; el acercamiento a los mismos será diferente que si observáramos a un animal o vegetal; es más, la perspectiva de observación será temáticamente distinta, no veremos al sujeto al modo del médico o del antropólogo, sino en cuanto a conocer su inteligencia,

1 Hay quienes consideran la inviabilidad de la filosofía y la vaciedad de su quehacer, presentándola reductivamente como no práctica y solo problematizable. Ella no solo analiza, sino que sintetiza, y frente a los problemas sopesa las posibles soluciones para que la más eficaz sea ejecutada.

carácter, temperamento, predisposición, etc. y así potenciar su capacidad de aprendizaje y educación. El conocimiento de los sujetos dentro de lo estrictamente educativo será estudiado por la psicología educativa.

2° La educación comporta aprendizaje dado a través de la enseñanza, la transmisión y asimilación de conocimientos. Es menester que para mejor aprendizaje debe aplicarse los mejores modos y medios de transmisión, obteniendo una óptima asimilación que no sólo está referida al simple almacenamiento de datos, sino a la crítica reflexiva de los mismos. En la aplicación de los modos y medios para el logro efectivo de objetivos en el aprendizaje es dado dentro de las ciencias de la educación por las metodologías de la educación.

3° El 'sujeto' situado en una cultura determinada, con un peculiar modo de ser y actuar está contextualizado. La importancia del contexto (marco social, económico, sistemas de valoración, etc.) es considerable, pues hará variar enormemente los sistemas educativos y determinará el modo de pensar y ser de generaciones enteras. Esta temática es estudiada por la sociología de la educación.

4° El contenido temático que constituye lo que es transmitido, está formado por toda la información y gama de conocimientos adquiridos universalmente. Se ocupa de aquello que se enseña, sea de índole teórica o práctica. Este es el aporte de las diversas ciencias a la educación.

5° Finalmente, el contenido de lo que se enseña, el modo como se transmite, los sujetos a quienes se dirige en su contexto determinado, todo se encuentra en función del perfeccionamiento del hombre, es su finalidad. Lo sabemos a través de la filosofía de la educación que se ocupa del qué, el por qué y el para qué del acto educativo, es decir, apunta a sus interrogantes últimas.

Teniendo en cuenta lo anterior, decimos: Que la filosofía de la educación es un área del saber que reflexiona sobre las actividades inherentes al acto educativo, analizándolos e integrándolos[2]. Donde la filosofía aportando su método al objeto que observa, en este caso, la educación, busca no solo la aclaración conceptual de los términos que ella utiliza, sino también, la concepción de la naturaleza del conocimiento humano, la finalidad y el sentido del hombre que son, al fin y al cabo, lo propio de la educación.

2 | IMPORTANCIA DE LA FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN

La filosofía de la educación, por la actividad reflexiva que comporta, brinda a la actividad educativa su (Savoy Uriburu, 1992). Pues, tal actividad no es –como se ha visto- una simple transmisión de conocimientos, sino que involucra el perfeccionamiento de la persona en su búsqueda de felicidad, constituyéndola íntimamente conforme a su

---

2 La filosofía comporta una compleja actividad intelectual, sin embargo, tiene tres momentos comunes: el análisis, la crítica y la integración de conocimientos.

naturaleza racional, volitiva y afectiva[3]. En este sentido, el presente ámbito filosófico nos recuerda la finalidad de la educación, sus objetivos últimos; mostrándonos los auténticos intereses por los cuales se realiza, dándole sentido.

Los aportes estrictamente científicos a la tarea educativa, sin dejar de ser importantes, no brindan esta ineludible y profunda realidad teleológica que comporta la educación, aunque sí la complementan haciéndola más eficaz en sus medios y métodos. Es importante una adecuada[4] filosofía de la educación; pues, observando con exhaustividad en la acción de enseñar, brindará criterios que intensifiquen y profundicen la temática de las ciencias educativas; además, en el terreno vivencial, serán más eficaces los sistemas y políticas educacionales. En efecto, si no se sabe lo que se quiere, o se desconoce lo que se hace, cualquier actividad humana se pierde anodinamente en lo ineficaz.

3 | CONTENIDOS DE LA FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN

Teniendo en cuenta los criterios fundamentales de toda actividad cognoscitiva (ser, conocer y actuar), esbocemos cómo debe estructurarse una Filosofía de la educación en sus contenidos.

Por el orden del ser (Ontología, metafísica)

La existencia (el ser, sus causas, acto y potencia, etc.) está supuesta y bastante olvidada. Ejerce una importancia capital para la fundamentación de la filosofía de la educación puesto que brinda muchos elementos que permiten su comprensión entrando en lo íntimamente último. Veamos:

La educación en tanto que es (ente de razón, existente como actividad) está sujeta a todo lo que en cuanto ser le corresponde: la capacidad de perfección y la perfección dispuesta en sí misma por su sola existencia; muestra de ello es lo que se observa en las acciones de enseñanza- aprendizaje, lo noble y bueno de tal actividad, los beneficios consecuentes que trae a los sujetos que la ejecutan. A su vez, éstos también son, y por lo tanto se encuentran dispuestos a la perfección de su existir por el cual realizan una serie de acciones, entre las cuales se halla la de educarse que equivale a perfeccionarse, a ser en cuanto se encuentra latente en su naturaleza[5].

---

3 Según Broudy hay varios niveles de discusión, la última de ellas es la filosófica, por eso dice: La filosofía de la educación es la discusión sistemática de los problemas didácticos a un nivel filosófico: es decir, como la investigación una cuestión pedagógica hasta dejarla reducida a una cuestión metafísica, epistemológica o ética... Filosofía de la educación. p.30)

4 Es decir, que no sea confundida con teoría de la educación o historia de los sistemas educativos.

5 La idea de fondo es: perfección-perfeccionable. La metafísica aristotélica asumida por Tomás de Aquino tiene en cuenta que todo ente en tanto que existe es perfecto, acabado, si no su existencia no es posible. Este sentido analógico de perfección no descarta la posibilidad latente de un mejoramiento a posteriori, entendiéndose como progreso en desarrollo de lo ya contenido de modo latente, trayendo consigo las nociones de acto y potencia, del movimiento, la vieja paradoja filosófica de el ser y el no ser desde Parménides.

Todo ello se comprueba en la historia de la educación: los cambios en los sistemas, medios y métodos hasta nuestros días de la misma manera en los intereses de los sujetos que actúan dispuestos al cambio, pero manteniendo en el fondo la idea de perfeccionamiento, de superación.

La ontología además nos brinda las nociones de materia y forma como elementos inseparables del ente a nivel específico, pero también que lo dotan de cualidades particulares haciéndolo irrepetible, idéntico consigo mismo; que, en el caso del hombre, constituye su personalidad. Esto no es tenido en cuenta por algunas teorías educativas convirtiéndose la educación estadísticamente masificada y los sujetos de la misma diluidos anónimamente en dígitos y porcentajes. Felizmente algunas tendencias educativas como la educación personalizada de García Hoz tratan de contrarrestar el anonimato estadístico de los educandos. Sobre la importancia de la ontología para la filosofía de la educación se trata con mayor detenimiento en la segunda parte de la presente investigación.

Por el orden del conocer (Teoría del conocimiento, epistemología)

La lógica se entiende como ciencia de las leyes del pensamiento, en este sentido tiene pretensión normativa. Nuestros pensamientos son expresados a través de argumentos que no son otra cosa sino un conjunto de proposiciones consecutivas que tienen por objetivo la claridad de lo que se quiera expresar o la persuasión. La lógica nos brinda las herramientas necesarias para que nuestros argumentos sean correctos o tengan la carga persuasiva que se pretenda; permite, además -a través del razonamiento- adquirir con certeza y verdad nuevos conocimientos a partir de los ya sabidos (que en términos lógicos se llaman premisas).

La lógica cumple por lo visto un rol preponderante en toda actividad racional. Donde esté presente la expresión a través del lenguaje se requiere de precisión y coherencia. La argumentación filosófica y la educación no deben escapar a ella. En la filosofía de la educación debe acentuarse la actividad crítica y reflexiva de la realidad que brinda la lógica en vez de la memoria, permitiendo que los sujetos de educación elaboren sus propios argumentos y conclusiones. Por lo tanto, su intervención en la filosofía de la educación más que temática se convierte en funcional, pues es rectora de su teoría y promotora de nuevas y creativas metodologías aplicables a través de los sistemas y políticas educacionales.

Mediante la teoría del conocimiento nos acercamos al desenvolvimiento del proceso cognoscitivo. Bajo este aspecto la filosofía de la educación debe contener conceptos claves estudiados por la gnoseología como facultades de la actividad cognoscitiva tales como sentidos, pensamiento, entendimiento, memoria, recuerdo, etc. así como las facultades por las cuales se realizan (facultades sensitivas e intelectivas) y el objeto de lo que se conoce a través de ellos.

Por la epistemología, la filosofía de la educación debe contener temáticamente los

aspectos que corresponden a saber dar razones sobre su sistematización, la aplicabilidad de los métodos que pueden ser pensados.

Por el orden del obrar (Ética, moral y ciencias humanas)

Básicamente la educación es una acción humana porque se hacen uso de las facultades racionales y volitivas, conteniendo intenciones explícitas, es decir, connota una representación consciente del entendimiento y la participación de la libertad. Es por ello mismo que no toda acción que implique enseñanza-aprendizaje recibe el nombre de formación o educación[6], sino aquella que implique un desarrollo perfeccionante de la propia personalidad.

Como todo ser, el hombre busca su perfección, encontrándola en el bien debido, es decir, cada ser busca desarrollar sus potencialidades para ser plenamente. Particularmente, la perfección del ser en el hombre radica en la felicidad que se logra a través de una vida virtuosa; para que el hombre alcance su objetivo le es necesario educarse, es decir, que a lo largo de su vida vaya explicitando la realidad contenida potencialmente.

Es pues, la educación, el proceso por el cual el hombre alcanza su perfección. Desde aquí se enfoca lo ético y lo moral como intenciones de la labor educativa, por eso, la actividad pedagógica está enfatizando la importancia de la axiología y la educación en valores. Por otro lado, no se debe minusvalorar los aportes que las ciencias humanas puedan alcanzar a la tematización de la filosofía de la educación. Por ejemplo, es básico conocer la naturaleza material y trascendente de la naturaleza del hombre, conocimiento que nos lo brindan las diversas antropologías; o el curso del desarrollo intelectual de la humanidad dada por la historia de la cultura y la civilización, por mencionar solo algunas.

Todos estos elementos son fundamentales para elaborar los contenidos de una Filosofía de la educación. Cabe como posterior tarea especificar los temas más apropiados para este ámbito filosófico.

6 En todo caso puede darse solamente en un sentido figurado, por ejemplo, en el enunciado: Estaba formado para delinquir, está presente la idea de proceso enseñanza y aprendizaje, pero la habilidad delictiva obviamente no es un acto producto de la educación o formación, aunque sí de enseñanza-aprendizaje.

LA EDUCACIÓN HOY Y EL PERENNIALISMO FILOSÓFICO

El mundo contemporáneo vive grandes y vertiginosos cambios acentuándose desde el comienzo del siglo XX, descritos sintéticamente en dos palabras: tecnología e información, que de alguna manera han logrado cambiar la práctica docente y su mentalidad, que va en extensiva, lo que podemos llamar educación postmoderna.

La postmodernidad como pensamiento contemporáneo parte de un desencanto de la razón y propone la interrogante como principio, situación paradójica (Barone, 1997) provocando falta de identidad, de sentido, de finalidad en todo ámbito, lo que Lipovetsky considera como era del vacío, y la educación no es ajena a tal situación.

En realidad, toda época humana es época de crisis, y la educación corre en la misma vía, lo cual significa un reto creativo para los educadores de todas las formas y niveles; la educación debe adaptarse a la sociedad del siglo XXI sí, pero asumiendo creativamente la experiencia de lo avanzado, por eso este libro busca rescatar los aportes de la filosofía perenne como valioso bagaje para entender y abordar nuestro hoy epocal y educativo.

1 I EDUCACIÓN CONTEMPORÁNEA

Educación, tecnología e información

Veamos la parte tecnológica. Se puede comprobar por la historia de la educación que ella desde siempre usa la tecnología imperante en un momento determinado: las tablas de arcilla y cuñas, las obras artísticas, la imprenta. Hoy, por el uso de las computadoras y del internet sucede lo mismo, pero en grado superlativo, más aún en el contexto pospandémico. La educación contemporánea se percibe a sí misma, sobre todo, como una actividad de enorme complejidad tecnológica que, aunado con la mentalidad postmoderna, ha olvidado su finalidad, o en todo caso, se la propuso en términos de conocimiento de la información, eficiencia y eficacia.

La información, como hemos mencionado líneas arriba, es la contrapartida del fenómeno educativo contemporáneo, y es tan abundante y diversa que se necesita de criterios de orientación para seleccionar las más adecuadas y pertinentes, distinguiendo lo falaz de lo cierto; en suma, un criterio de reflexión bien formado, y esto es lo obviado por la educación contemporánea. De ahí su falta de orientación en el rumbo a seguir. Por ejemplo, en la aplicación de la tecnología a la educación, como los medios de comunicación social, los sistemas informáticos y multimedia, intervienen ciertamente muchos tipos de sistemas conceptuales, herramientas y equipamientos, pero las nuevas tecnologías informáticas por sí mismas nada podrán hacer si no se tiene claro la finalidad y sentido de la educación puesto que no lograrán integrarse debidamente en el proceso educativo integral y global.

Evidentemente, el impacto de novedosas tecnologías, provocan situaciones de crisis

en el ámbito de la educación, pero si esta sabe sus fines podrá asumirlos adecuadamente, caso contrario se tomará una posición reduccionista sobre el aprendizaje y la educación, insistiendo, por ejemplo, en el mero entrenamiento de habilidades para ser eficiente y eficaz en el trabajo a costa de una educación integral y de la dignidad personal.

A consecuencia de la intervención tecnológica e informática de la mentalidad postmoderna al ámbito educativo, una nueva tecnocracia comenzó a expandirse y los directivos de instituciones educativas y los especialistas en sus políticas, principalmente enfatizaron la importancia del personal técnico, muchas veces ajenos a la temática educativa, quienes quedaron de la noche a la mañana en expertos en informática educativa llegaron a tomar la responsabilidad integral del manejo de los equipos, del diseño de los cursos y hasta de la distribución de los horarios de los alumnos, proponiendo qué es lo que debían aprender y qué no, imponiendo de manera implícita (o explícita) una pedagogía improvisada sin fundamentos. Los fracasos se multiplicaron, llenaron de inquietud a los docentes y frustraron en buena medida a los estudiantes, trayendo un período confuso que aún se mantiene. Nuestro país no es ajeno a esta situación.

La tecnología y la información usadas en la educación contemporánea, la convierten en un fenómeno social prodigioso en sí mismo por el rápido acceso que se tiene a ella, pero que no asegura la calidad ni la integridad de esa educación, pues ¿cómo hacer para mantener la calidad de la enseñanza si se ha perdido el sentido de la labor educativa? Es como si buscáramos algo, pero no sepamos qué. Nadie sabe a ciencia cierta cómo proceder con sensatez en este campo, pero nada impide que en algún punto converjan cantidad, calidad e integralidad en el proceso educativo bajo nuevas formas difíciles de imaginar aún.

Lo que enfatiza la educación contemporánea

Estamos en la era del conocimiento, de la información, y la educación contemporánea sigue estos cánones. La información y el conocimiento se han convertido en fuente de riqueza y poder, en donde el saber se ha reducido a información siendo facilitado por los medios de comunicación masivos que interpretan el saber cómo datos sin reflexión ni sistematicidad con un fin utilitario, como lo manifiesta Lyotard (1993):

> *"La pregunta, explícita o no, planteada por el estudiante profesionalista, por el Estado o por la institución de enseñanza superior, ya no es: ¿eso es verdad?, sino ¿para qué sirve? En el contexto de la mercantilización del saber, esta última pregunta las más de las veces, significa: ¿se puede vender? Y, en el contexto de argumentación de poder: ¿es eficaz?"* (p.109).

Efectivamente, parece que la educación es entendida como transmisión de información, ya desde la ilustración moderna lo prioritario es tener un conocimiento enciclopédico, ciertos rezagos de esta mentalidad se encuentran en los famosos centros

preuniversitarios de nuestro país, en donde, se da el siguiente raciocinio: Si quieres ser eficaz (alcanzar una bacante universitaria) entonces debes poseer la mayor cantidad de información académica… y nosotros te la brindamos. Entonces el estudiante empieza una carrera contra el tiempo y se dedica a almacenar datos que le permitan sumar puntaje en el examen de admisión. Esta es la razón del éxito de las academias preuniversitarias. Pero la educación es más que la simple transmisión de conocimientos y el almacenamiento de informaciones en nuestra memoria, como se ha visto en este texto.

Junto al conocimiento y la información se encuentra el mercado. La mentalidad contemporánea enfatiza que la educación es el medio por el cual se alcanza estabilidad económica, siendo la misma educación reducida a negocio, y como tal, trata de regirse por el principio del mayor beneficio al menor coste, brindándose una educación de mala calidad. Es cierto que por la educación se alcanza un status social y económico, pero no es determinante, esto nos damos cuenta cuando vemos la ingente cantidad de profesionales en labores ajenas a su formación: abogados, ingenieros, docentes, psicólogos que hacen las veces de mozos, taxistas, vendedores… o a quienes, sin haber recibido una educación superior universitaria, alcanzan estándares socioeconómicos más altos.

Tal circunstancia se debe a la complejidad de las situaciones sociales, políticas y económicas de un país. La situación descrita trae el siguiente aspecto: El aumento de las profesiones técnicas que son las de mayor demanda con la consecuente disminución de una educación integral debido al énfasis de lo útil, práctico e inmediato. Pero la educación, en su auténtico sentido, atiende a una mayor demanda que lo exigido por el mercado, pide la formación de profesionales y técnicos emprendedores y auténticamente humanos.

Finalmente, se entiende que la educación es la formación para lo estético y lo pasajero. Entendiendo lo estético no como una búsqueda de armonía sino como maquillaje, apariencia; no cuenta el ser de la persona, lo importante es cómo apareces: cómo quieres verte y cómo quieras que te vean y reconozcan. Por otro lado, debido a la misma mentalidad contemporánea, la educación enseña valores que pasan, la preocupación está donde está la moda sea de ideología, de sistema o de mercado, asumiendo sesgadamente, y quizá de manera inconsciente el todo fluye, todo pasa de Heráclito, obviando que una auténtica educación necesita ser actualizada ciertamente, pero sobre bases sólidas y no a posibilidades probatorias.

Realmente no entiendo por qué los profesionales contemporáneos en educación tienen muy claro todo esto, y se esfuerzan en cambios cosméticos. Considero que nos urge reencontrarnos con el auténtico sentido de la educación, y para ello debemos recordar algunos aportes del pensamiento clásico.

2 | DE LA REVOLUCIÓN INDUSTRIAL A LA REVOLUCIÓN TECNOLÓGICA. QUÉ DEBE CAMBIAR Y QUÉ NO

Desde la revolución industrial como preliminar de la educación postmoderna, podemos darnos cuenta que las escuelas eran verdaderas fábricas de la enseñanza puesto que la educación tomó el modelo del sistema productivo en los más variados aspectos. Siguiendo esta analogía entre revolución industrial y educación se conoce que en aquella época las mejores escuelas eran las de mayor tamaño, a semejanza de aquellas fabriles que descubrían el valor de una producción en gran escala. En nuestro país se ve clara esta influencia con la puesta en funcionamiento de las grandes Unidades Escolares.

La incorporación de grandes masas de obreros, analfabetos en su mayoría, al sistema productivo tuvo que ser reforzada con programas gigantescos de alfabetización técnica, sobre todo. La arquitectura de colegios y aulas era similar al habitual en oficinas, fábricas y almacenes: Los exteriores eran muy semejantes y en el interior las aulas amplias y frías recibían a decenas de alumnos, que, sentados en filas, parecían reproducir las cadenas de montaje de la época. El docente al frente de la clase como el capataz a cargo del taller, uniformes o delantales para todos, timbres y sirenas para marcar el ingreso, la salida y los tiempos libres. Tanto en la fábrica como en la escuela, el sistema era rígido, los programas inflexibles.

Los cambios sociales y conceptuales transcurrían lentos, la producción estaba asegurada por decenios en el ambiente educativo y en el fabril. El mundo de la revolución industrial ha concluido, pero nuestro nuevo milenio afronta otros tipos de producción.

Ahora ya en plena vivencia de la postmodernidad la educación, igual que antaño, toma el modelo del sistema y la mentalidad imperante. Si antes la escuela era análoga a la fábrica, ahora lo es a la empresa. Las nuevas empresas funcionan con enorme flexibilidad y multiplican sus servicios por todo el planeta. Esta nueva industria exige cerebro de obra a diferencia de la mano de obra exigida en la revolución industrial.

Hoy la educación es tan flexible y las ofertas educativas tan diversas que muchas veces diluye su sentido y finalidad, en fin, se piensa muchas veces que da lo mismo lo que aprendas porque cabemos todos y como sea. La preocupación no es por la diversidad de ofertas educativas ni la flexibilidad de sus programas, sino en su calidad integral, formando a la persona no solo en habilidades manuales y cognitivas, sino también afectivas, emocionales y volitivas de un modo integral.

Estamos de lleno en la era del conocimiento y existen nuevas industrias sin chimeneas: las comunicaciones, el turismo, la informática, la biotecnología, los servicios de salud (particularmente del ámbito estético y cosmético), que movilizan ingentes recursos financieros y humanos. Necesariamente la educación ha de variar en consecuencia, pero para ello debe tener claro y mantenerse firme en sus principios y fines.

Todos sabemos que existe una interdependencia universal, y que nada de lo que se hace aquí está aislado de lo que ocurre allá, pero no todos tenemos plena conciencia de ello ni sabemos cuán importante es y lo que implica. Las personas no pueden vivir sin influenciar la acción, el pensamiento y la vida de los demás, por ello es necesario una educación para la sana convivencia, en el conocimiento y la tecnología sí, pero con respeto a la dignidad de la persona, no buscando sólo la perfección en la eficiencia, sino en la perfección de su ser. Tengamos en cuenta que formamos parte de un gran cuerpo; ya la sabiduría judeocristiana ha afirmado esta verdad desde hace mucho tiempo, solamente que sólo algunos hoy se dan cuenta del fenómeno: Si un miembro del cuerpo sufre, todo el cuerpo sufre con él.

Así, pues, la educación contemporánea ha cambiado necesariamente, pero exige también que el cambio sea con sentido, con objetivos definidos que integren la persona consigo misma, con su entorno natural, social y cultural, en definitiva con la trascendencia, urge que los educadores en todos los niveles y modalidades, adopten una visión más completa del ser humano, una visión más integral de conocimiento, reconociendo su propia fragilidad y necesidad de aprender como ya lo manifestaba Sócrates: ...cuanto más yo sé, más yo sé que no sé... junto al vital conócete a ti mismo. No es posible seguir trabajando aislado, no es posible seguir creyendo que la información es suficiente. Se hace necesario, como dije líneas arriba, reconocerse como miembro de un gran cuerpo, no debe perderse esta noción fundamental.

Por tanto, la educación de la persona no sólo es para el trabajo efectivo en las fábricas ni para la eficiencia ejecutiva de oficina. Ciertamente, la educación contemporánea necesita capacitarla para el trabajo, pero sobre todo debe formarla para la vida.

3 I AL REENCUENTRO DEL SENTIDO Y LA FINALIDAD

El pensamiento clásico nos brinda el aporte fundamental para la educación: su sentido y finalidad, aporte que debe ser tenido muy en cuenta para no caminar a la deriva sino ir construyendo sobre la sólida base de nuestra cultura humana, no desechando lo pasado con la calificación de obsoleto y superado, sino rescatándolo como valioso. Veamos por qué.

Entre las principales ideas aportadas por el pensamiento clásico -como se presenta a lo largo del texto- se encuentran la teoría del ser y la existencia junto a los trascendentales en clave ontológica (conceptos tales como ser, unidad, bondad, causa-efecto, acto-potencia, entidad, cualidad, entre otros muchos) que son obviados por la mentalidad contemporánea con la calificación de obsoletas; la comprensión del hombre en su conocer: la teoría del conocimiento (las relaciones entre intelecto y realidad, verdad, falsedad, analogía, crítica, interpretación, el proceso del conocimiento mismo) y en su actuar (dimensión ética y

política, su finalidad y trascendencia) aportes que sin duda alguna sería insensato negarlos, rechazarlos o no reconocerlos.

Partiendo desde el ámbito ontológico y metafísico, es manifiesto que la comprensión de filosofía, ciencia, tecnología y educación no serían posibles sin conceptos tales como ser, ente, acto, potencia, esencia, existencia, perfección, bien, unidad, causa-efecto, entre otros muchos de este tipo. Toda filosofía posterior tendrá como soporte los ejes temáticos o tópicos aristotélicos y platónicos, aludiendo a sus textos una y otra vez. Desde esta perspectiva podemos afirmar de algún modo, dado que tales conceptos perduran hasta hoy, de la existencia de una philosophia perennis como parte del pensamiento clásico y la philosophia perennis.

Entrando ya a la temática educativa, creemos que si ésta carece de un enfoque ontológico estaría completamente sesgada, pues, perderíamos su sentido y finalidad. Principalmente, por ejemplo, sabemos que la educación es un proceso que busca la perfección de la persona, aquí-deteniéndonos a pensar- están implicados conceptos tales como acto-potencia, bien, unidad, nociones eminentemente ontológicas que permiten tener una concepción integrada de lo que es la educación y lo que busca en principio.

Con la revolución industrial se dio origen a concepciones menos integradas del proceso educativo, entendiéndolo sobre todo como formación para la producción y el bienestar económico, y no como perfección integral del hombre, carácter que le brinda una comprensión ontológica del trabajo, de la educación, y de la persona. En nuestro tiempo sólo algunos pensadores de la temática educativa tienen presente el valor del criterio ontológico para sus investigaciones, por ejemplo. el educador alemán Gerhard Bunk (1995) que en su investigación sobre Pedagogía del trabajo de hace décadas expresa:

> *A su vez, la interpretación pedagógica (del trabajo) se entiende desde la actividad intelectual independiente hasta el producto completo, desde la disciplina a través del trabajo hasta la autorrealización en él* (p. 42).

Y más adelante en reconocimiento del sentido integrador que tiene de hecho la educación para el trabajo desde una compresión ontológica:

> *En el trabajo o en el aprendizaje no se trata únicamente de lo que hace la persona o de cómo lo hace, es decir, con qué técnicas lo realiza, sino de qué modo y manera lleva algo a cabo: por ejemplo, con alegría, cortesía, método, consideración, sentido comunitario (…) El estilo de comportamiento reproduce el rasgo fundamental que caracteriza a la personas en su actuación y modos de obrar teniendo presente un principio ontológico elemental aristotélico tomista como el que afirma del modo de ser se sigue el modo de actuar* (p.52).

Ya desde una teoría del conocimiento que se constituye gracias a la constante preocupación e interés de los filósofos por la manera de cómo el hombre conoce y aprende, es precursora de la psicología educativa moderna y contemporánea.

Gracias a la preocupación de una multiplicad de filósofos preocupados sobre el tema del conocimiento y sus explicaciones teóricas es posible la creación de metodologías adecuadas para el aprendizaje, además, claro está, de los nuevos enfoques psicológicos que permiten un mejor estudio y diferenciación de nuestra intelección y su óptimo aprovechamiento, aspecto importantísimo para la educación contemporánea.

Yendo a una explicación práctica en los aportes del pensamiento clásico a la educación contemporánea tenemos la dimensión ética y política. La transmisión de los propios conocimientos de distinta índole, es de interés personal y social. Todas las culturas y grupos humanos tienen por preocupación el mantenimiento de sus conocimientos y tradiciones, se proyectan en la formación de sus sucedáneos a través de sistemas educativos.

El aporte griego con su paidea como sistema educativo inicial y sus escuelas filosóficas hicieron más extensiva la práctica educativa no sin ciertas restricciones. Sin embargo, lo interesante es el vínculo que establecen entre ética y política a través o por la educación. Afirma Aristóteles tanto en su Ética a Nicómaco como en su Política que una ciudad bien gobernada es aquella en la que se busca el bienestar para todos, determinando rectamente el fin de las acciones y los medios para alcanzarlos, siendo uno de estos la educación en la virtud (Política. Lib. IV, 13, 1332 a).

Este aporte nuevamente permite captar la integridad del proceso educativo como proceso de perfección humana y social. En la misma perspectiva se presenta en el pensamiento medieval, incrementando a lo humano y social el aspecto de la formación espiritual y moral; efectivamente, tanto en el De Magistro de Agustín de Hipona (De magistro 12, 40), como en Tomás de Aquino en su tratado acerca de las virtudes (S. Th. I – II q. 49 – 70.) se hace relevante una educación del espíritu; en efecto, la persona (hipóstasis) no solamente se educa para ser feliz ciudadano del mundo, sino también para la eternidad, por ser imago Dei.

En la educación contemporánea lo espiritual pasa desapercibido y se está dando enfatizando en la formación del aspecto ético y político, pero sin rumbo a través de la educación en valores y para la democracia, sin embargo, como se adopta la postmodernidad como paradigma cuya característica es la indefinición, se piensa y enseña que los valores son apreciaciones subjetivas, que la verdad en exclusiva es fruto del consenso y que la libertad es principalmente ausencia de impedimento, trayendo situaciones de conflicto para la vida social. De hecho, si se sigue el paradigma postmoderno sin criterio, pronto el ser persona será lo que sea o lo que se quiera, dispuesto a la manipulación de cualquier tipo, ya sea económica, política, social. Como podemos apreciar son muchos los aportes que el pensamiento clásico ha dado a la filosofía explícita o sistemática, a la misma historia de la cultura, y junto a ella a la educación.

4 I ALGUNAS IDEAS DEL PENSAMIENTO CLÁSICO PARA LA EDUCACIÓN DE HOY

El tema de la educación es tan importante como amplio. Esta amplitud temática de enfoques y perspectivas, muchas veces deja un vacío inmenso: su fundamentación, esta se sitúa en el ámbito del ser y su finalidad, en la ontología. La educación sin fundamentación ontológica se desarrolla de manera incompleta; haciendo que aquella, en vez de permitir el desarrollo integral de las facultades humanas, vaya en detrimento de su dignidad.

La ontología siendo un saber eminentemente filosófico, es importante para fundamentar la actividad educativa. Por eso, la filosofía de la educación la inserta en las ciencias pedagógicas, para que se tenga en cuenta su sentido y finalidad, que no es otra sino el perfeccionamiento del ser humano. La finalidad de la educación no ha variado al transcurrir el tiempo, lo que cambiado son sus formas, criterios y metodologías. Siempre, la educación busca el mejoramiento de las personas, y por ende de las sociedades que éstas conforman; así entiende la filosofía perenne al proceso educativo, desde la perspectiva del sentido y finalidad, desde el sentido teleológico[1]. Por eso consideramos valiosos los aportes del pensamiento clásico que sintetizo en cuatro ideas fundamentales presentadas a continuación:

1. La educación es ante todo un proceso de perfeccionamiento (perficere: completar, por hacerse), eje transversal que vincula toda actividad humana: intelectiva y volitiva, ética y política, integradas ontológicamente en orden al bienestar y la felicidad. Perfeccionarse para el ser humano es sinónimo de educarse, de ir desarrollando sus cualidades y capacidades que le son propias no solo intelectualmente, sino de manera integral. Este es el concepto de educación usado, por ejemplo, por el Doctor Angélico, sentido adelantado para su época y que merece ser tenida presente en la actualidad si no queremos perder la dirección y el sentido de tan importante actividad de nuestra vida.

2. Toda educación debe situarse desde la sólida base de la filosofía del ser, que la conduce con equilibrio e integridad. Es por el aporte metafísico que la educación permite el acceso a la comprensión del hombre, del mundo y de la trascendencia, llegando a un humanismo integrador también de lo espiritual. Este ser, el hombre, en posesión de sus facultades que lo hacen actuar de manera libre e intencional es también un hombre de fe. La estructura de su ser, dotada de razón y voluntad, lo hacen sujeto de vida moral, con capacidad de perfección. Si se olvida este criterio no se educará de manera integral.

3. Otra idea muy importante que nos legaron los clásicos es que toda educación

1 Al respecto es interesante el texto de Aristóteles: La ciudad si lo es en verdad se preocupa por establecer las condiciones necesarias para poseer la virtud; el régimen mejor será aquél cuya organización permita a cualquier ciudadano prosperar y llevar una vida feliz, procurará proveer de suficientes recursos para que las acciones de sus miembros sean virtuosas. (Pol. IV (VII) 2, 1324 a; 8, 1328 b; 1, 1323 b). También presente en el Emilio de Rosseau: Se logra la felicidad del hombre si se consigue suprimir las contradicciones individuo-sociedad, vivir para sí – vivir para los demás. La felicidad supone saber vivir. (Lib. I – III)

auténtica es una educación ética- moral, una educación en los principios y en la virtud, donde interviene la familia en primera instancia y el Estado que regula las instituciones educativas. Por ejemplo, Platón llegará a afirmar que una educación sin moralidad está vacía, pues con instrucción matemática (politécnica) o dialéctica, sólo se conseguirían formar técnicos sin alma y políticos sin escrúpulos[2]; y el mismo Aristóteles del cual es bastante conocido su teoría de la virtud y su importancia en la vida personal y política del hombre, subraya que el contexto familiar puede ser el ideal para educar por y para la virtud (Ét. Nic. Lib. X, 9, 1180 b. 9, 10. 1180 a; Pol. Lib. II, 3, 1262 a).

El planteamiento educativo de Tomás de Aquino va en esta misma perspectiva al manifestar que los padres son causa de tres supremos bienes para los hijos porque constituyen el principio de la generación y la existencia (de los hijos) así como de la educación y la enseñanza (*et generationis, et educationis, et disciplinae*) y de todo lo que conviene a la perfección de la vida humana (S. Th. II – II, q.102, a.1). Actualmente, la familia debido a la mentalidad contemporánea ha sido despojada de su rango de primera institución educativa, y el Estado es quien menos se preocupa por brindar una educación de calidad.

4. Una buena educación que se precie de tal es la que enseñe a pensar bien para actuar bien, porque una acción recta procederá de un juicio lúcido. Las diversas asignaturas y metodologías deben tener esta valiosa orientación heredada del pensamiento clásico. El ejemplo de esto nos lo propone Platón en La República cuando afirma que las técnicas y las matemáticas no tienen un fin utilitario en sí mismos, sino el carácter pedagógico de ejercitar en la reflexión para conducir al espíritu a que tenga conciencia de sí mismo y de su valor que tiende hacia ideales más altos y nobles[3]. Ya hemos hablado que por la multiplicidad de información aunada a los medios masivos de comunicación de la cual hace gala la educación contemporánea impide el adecuado ejercicio de la reflexión, y por lo tanto la acción será inmediata, condicionada, irreflexiva e imprudente. La educación contemporánea si toma en cuenta el legado del juicio lúcido para una acción correcta, estará formando personas de crítica constructiva, con capacidad de decisión y acciones buenas.

5 I RETOS DE LA EDUCACIÓN CONTEMPORÁNEA EN TODO NIVEL Y SU RELACIÓN CON LA FILOSOFÍA PERENNE

Iniciamos este apartado con la afirmación de Jacques Marcovitch (2002), quien fuera rector de la Universidad de Sao Paulo: *No existe universidad perfecta (…) y lo afirma porque considera que lo propio del pensamiento académico es ver lo real como algo incompleto, que siempre exigirá un perfeccionamiento* (p.17), lo mismo puede plantearse en los niveles

2 Esto puede concluirse del Menón. 97 d-e, 99 b

3 República, 552 d-e, 526 e. También en Protágoras, 312 b.

menores de educación, en la etapa escolar, podemos decir en esta misma línea que no hay institución educativa perfecta en el sentido de plena, pero sí la exigencia del progreso constante, del perfeccionamiento, por eso una idea básica que se propone desde la filosofía perenne es la noción de perfección como desarrollo de todas las potencialidades humanas que lo personalizan, por eso se enfatiza como línea educativa una educación integral que cualifique la formación personal desde el ámbito familiar y escolar básica así como el ámbito de la formación profesional de los estudiantes universitarios. El profesional debe, en primera instancia, ser una persona auténtica, de tal manera que sea esta la cualidad fundamental que garantiza su eficiencia y eficacia profesional.

La educación integral está llamada a aunar el conocimiento, ciencia y la acción práctica de una vida digna, de compromiso personalizador y también creyente, y los educadores que estamos convencidos de ello debemos de hacerla posible a través de las asignaturas que desarrollemos. Debemos preocuparnos de que nuestros estudiantes adquieran una actitud reflexiva, sentido crítico, acción orientada al bien conjunto y a la excelencia como persona, que, en consecuencia, conlleva al éxito profesional, de tal manera que se forme en el sentido de una vida auténticamente humana y para la trascendencia.

La educación en todos sus niveles debe fomentar una actitud reflexiva y de compromiso, eso es lo que debe buscar toda institución educativa rescatando lo valioso de las distintas maneras de pensar, pero sin olvidar su sentido integrador para no extraviarnos en el intento. Esta misma idea es expresada por la educadora Elga García (2002) asumiendo el aporte del Dr. W. Peñaloza:

> *Si nosotros lográramos la perfección (como universidad y como personas) y no tuviéramos la capacidad de servir, realmente seríamos inútiles en la vida (...) La universidad, por tanto, no es posible que sólo atienda la esfera de la inteligencia racional, es necesario también el desarrollo de la inteligencia emocional y el dominio de competencias individuales y sociales (…) en el mundo actual no basta ser un especialista en determinada materia, ser brillante en la esfera del saber, es preciso el desarrollo de las esferas del ser, del hacer y del convivir* (pp.207-208), en clara comprensión de la propuesta de educación integral y con sentido tan bien entendida desde la filosofía perenne.

Por lo expuesto a lo largo de estas páginas considero que la preocupación constante de lo que necesita desde la educación el mundo contemporáneo, y que, como se ha visto nos lo aportan diversos pensadores y educadores de todos los tiempos, es proyectar un sentido de lo que queremos lograr, aspirar a la perfección en tanto que con el esfuerzo constante ya nos encaminamos en ella, este es el ideal, considero, a la que la educación integral debe aspirar. Este aporte del pensamiento perenne no debe soslayarse; no cabe desechar el pasado porque si tenemos clara conciencia de él se nos convierte en criterio orientador para nuestro presente y futuro; pero, ¿cuáles son los retos del presente para la educación?

En primer lugar, el alto nivel de pobreza económica y desigualdad social que trae consigo toda forma de violencia y deshumanización. Una educación integral, de perfeccionamiento, buscará la forma afín de que, quienes se preparan en las universidades para científicos sociales y en las ciencias experimentales, adquieran el sentido crítico y humanizador solidario a fin de disponer de su esfuerzo investigativo al adecuado aprovechamiento de los recursos naturales que ahora escasean por el alto índice de contaminación o por el abuso de las transnacionales.

¿Cómo se logra alcanzar lo que parece utópico? Con la constancia. ¿Cómo se forman científicos, humanistas, técnicos y hombres de negocios con sentido crítico y humanizador? Desde su formación de base: la familia, la escolaridad… cultivando el respeto por uno mismo, por los demás, por el entorno que nos rodea, incentivando la solidaridad y no el éxito mediocre y absurdo a consta de denigrar a los demás.

Otro gran reto es el fenómeno de la vorágine informativa en la cultura digital y de la imagen. La abundancia informativa y de la imagen sin formación integral, condena a las personas de nuestro siglo a lo que llamo nihilismo crítico que se manifiesta en la posesión de abundante conocimiento, pero aislado, sin capacidad de integrar saberes, de aplicarlos a la solución de los problemas cotidianos, los personales y los sociales, de ahí que, por ejemplo, se perciba que ciertos conocimientos, como la filosofía no les aporta nada a los estudiantes, y en fin, cualquier saber que no le encuentren aplicación lo consideran obsoleto, absurdo, a lo que manifiesto que el problema no se encuentra en el determinado conocimiento sino en la incapacidad generada por la abundante información sin la formación del criterio. La nulidad crítica del hombre contemporáneo lo hace insensible ante los problemas que se encuentran frente a él, lo hacen manipulable ante intereses mezquinos.

Es reto para la educación integral bajo el ideal propuesto por el pensamiento perenne, evitar la completa cosificación de la persona, cuidar de la no atrofia de nuestro órgano cerebral y de las facultades intelectivas que de él dependen. ¿Cómo hacerlo? Creando metodologías didácticas que lo ayuden a pensar, a discernir, evaluar y aplicar la información que reciben, lo que conlleva a darse cuenta del entorno, de su problemática, desterrando la insensibilidad y la falta de compromiso responsable, logrando que nuestros estudiantes intenten aportes propios como soluciones creativas desde y para la situación y contexto en el que se encuentren.

Es un hecho que vivimos en un mundo globalizado, nuestro planeta siendo no más que un punto en el universo aún no establece adecuada relaciones entre los países, las relaciones de diplomacia y de mercado no bastan, se necesita que las buenas relaciones se establezcan en la dimensión de personeidad, es decir, teniendo en cuenta las comunes cualidades humanas que nos igualan en dignidad y nos exigen recíproco compromiso, velar no por nuestra mutua conveniencia, sino por nuestra mutua y total existencia, por eso nuestra aldea global plantea el reto a la educación integral de formar ciudadanos del mundo,

comprometidos con los derechos de todos, esforzados en el cumplimiento de nuestros deberes y obligaciones, dándonos cuenta de lo ineludible y necesario que resulta velar por el bienestar de nuestro mundo como hogar común. Puede partirse para ello de una educación axiológica y verse complementado con la enseñanza-aprendizaje de idiomas, el ciudadano de hoy y del futuro necesita comunicarse con sus pares de diversas latitudes a través de los idiomas sí, pero principalmente por el lenguaje universal de la humanidad: el respetuoso afecto, el amor responsable, la solidaridad.

A MODO DE CONCLUSIÓN

Los problemas que surgen en la temática educativa se deben a la incomprensión de su sentido y finalidad, a una visión sesgada y parcializada del ser humano, de este hombre que ante todo se encuentra como ser integrado. De esta incomprensión y ruptura deviene, pues, el error de entender la educación como capacitación intelectual o para el trabajo, éstas, aunque forman parte de la actividad educativa y son importantes, no constituyen su finalidad. Los fines de la educación tienen un alcance mayor: preparan a todos y cada uno de los hombres, para incorporarlos a la vida, para respetar los deberes y los derechos ciudadanos, respetarse a sí mismo, situarse en el mundo y estar en capacidad de transformarlo con solvencia moral, con prudencia.

La vorágine del mundo actual que trastorna al hombre y lo desintegra no sólo a nivel conceptual, sino en su ser mismo, es debido a la poca consideración práctica de la phrónesis y la creciente tendencia a la desmesura, causando desequilibrio en todo aspecto, es a falta de una comprensión integral de la educación. Por eso, para afrontar los problemas educativos de diversa índole, se hace necesario realizar verdaderos esfuerzos por mejorar las posibilidades formativas de las personas sin persistir en cambios cosméticos.

Recordemos, desde la philosophia perennis, que la acción educativa es la actividad rectora de todo quehacer humano, y por ello es necesaria para garantizar el desarrollo de las personas, los pueblos y la estabilidad de sus instituciones. En este sentido, la educación se debe constituir en acción prioritaria en las políticas de los países, sin supeditarse a intereses particulares o mezquinos; basándonos en el cultivo de valores, el respeto a uno mismo y a los demás, para la convivencia armoniosa.

Al abordar filosóficamente la educación tomamos los aportes de la philosophia perennis entendiéndola particularmente como síntesis del pensamiento aristotélico tomista. Tomás de Aquino tiene como sólida base de su pensamiento la metafísica del ser, que lo lleva al equilibrio racional. Es la metafísica del ser elaborada por el filósofo de Estagira, la que lo guía a la comprensión del hombre, del mundo y del Ser supremo, por la cual es capaz de concebir un humanismo integrado y conceptuar al hombre como lo más grande de la naturaleza. Este ser, el hombre, aun saliendo de las manos de Dios, posee facultades que lo hacen actuar de manera libre e intencional. La estructura de su ser, dotada de razón y voluntad, lo hacen sujeto de vida moral, con capacidad de perfección.

Perfeccionarse para el ser humano es sinónimo de educarse, de ir desarrollando sus cualidades y capacidades que le son propias no solo intelectualmente, sino de manera integral. Este es el concepto de educación usado por el Doctor Angélico, sentido adelantado para su época y que merece ser tenida presente en hoy si no queremos perder la dirección y el sentido de tan importante actividad de nuestra vida.

Esta manera de entender el perfeccionamiento humano por el pensamiento aristotélico-tomista puede ser considerada como idílica y descontextualizada para muchas

filosofías contemporáneas de tipo materialista, pragmática o cientista; efectivamente, su percepción desacralizada del mundo, justificada por los avances tecnológicos y científicos dan pie a pensarla así considerando que es presuntuoso hablar de perfección en el hombre cuando en su existencia vivencial resulta llena de imperfecciones; sin embargo, tal existencialismo no brinda respuesta a la pregunta por el sentido y si alguna vez lo esboza estará signado con un pesimismo contrario a sus hipótesis centradas en los admirables logros de perfección tecnológica productos del factum humano.

La comprensión realista aristotélico-tomista, por el contrario, aunque situada en una época distinta a la nuestra, brinda una explicación de la realidad humana que no resulta absurda a la razón integrando en la existencia real la búsqueda por mejorar no sólo su quehacer (abarcando la comprensión de los avances técnicos y científicos) sino, sobre todo, su ser (por qué perfeccionamos nuestro quehacer, en vistas a qué); de este modo se fundamenta una sólida respuesta al interrogante del sentido.

Lo que nos brinda la síntesis aristotélico-tomista es una visión del conjunto del ser del hombre, resaltando sus capacidades de conocer y actuar con sentido, visión venida a menos por las concepciones filosóficas y educativas actuales, que no tienen en cuenta el carácter integrado del hombre.

REFERENCIAS

Agazzi, A. (1980). **Historia de la filosofía y de la pedagogía**. 3 tms. Marfil.

Agustín de Hipona (1990). **De magistro**. Ed. Universidad Iberoamericana.

Area, M. (2001). **Educar en la sociedad de la información**. Desclée De Brouwer.

Aristóteles. (1998). **Ética a Nicómaco**. Gredos.

Aristóteles. (1988). **Política**. Gredos.

Bárcena, F. (2005). **La experiencia reflexiva en educación**. Paidós Ibérica.

Barone, C. (1997). **Los vínculos del adolescente en la era postmoderna**. Ed. Paulinas.

Bowen, J. (1985). **Historia de la educación occidental**. 3 tms. Ed. Herder.

Blaschke, L. M., & Marin, V. (2020). **Aplicaciones de la heutagogía en el uso educativo de e-portfolios.** Revista de Educación a Distancia, 20(64). https://doi.org/10.6018/red.407831

Broudy, H. (1992). **Filosofía de la educación**. Ed. Limusa.

Bruns, B ., & Luque, J. (2014). **Profesores excelentes. Cómo mejorar el aprendizaje para América Latina y El Caribe**. Banco Mundial.

Bunk, G. (1992). **Pedagogía del trabajo**. En: Educación. Vol. 51/52 – 1995 pp.41-62. Instituto de Colaboración Científica, Tübingen.

Cappuccio, M y Froese, T. (2014). **Enactive Cognition at the Edge of Sense-Making. Making Sense of Non-Sense**. Palgrave Macmillan.

Chateau, J. (1996). **Los grandes pedagogos**. Fondo de Cultura Económica.

Fabro, C; Ocariz, F et Alt. (1980). **Las razones del tomismo**; EUNSA.

Fabro, C; Ocariz, F et Alt. (1990). **Tomás de Aquino, también hoy**. EUNSA.

Corso, J.L. (1996). **Educar (nos) en tiempos de crisis**. Editorial CCS.

Cruz Hernández, M. (1996). **Historia del pensamiento en el mundo islámico**. tm. 1. Alianza Universidad.

Di Paolo, E. (2018). **Enactivismo.** En: Diccionario Interdisciplinar Austral. https://ezequieldipaolo.files.wordpress.com/2018/02/enactivismo.pdf

Einstein, A. (2013). **Mi visión del mundo**. Tusquet editores.

Einstein, A. (2000). **Mis creencias**. Ed. El Aleph.

Flores-Heymann, B. (2021). **A heutagogical experience in media training during Covid19 confinement.** Revista Panamericana de Comunicación (3) 1; pp.161-174.

Freire, P. (2005). **Pedagogía del oprimido**. Siglo XXI Editores.

García Hoz, V. (1988). **Educación personalizada**. Rialp S.A.

Guénon, R. (1994). **El reino de la cantidad y los signos de los tiempos**. Ediciones Paidós.

Granada, M. A. (1994). **Agostino steuco y la perennis philosophia. Daimon Revista Internacional de Filosofía**, (8), 23–38. https://revistas.um.es/daimon/article/view/13361

Hase, S. Kenyon, C. (2000). **De la Andragogía a la heutagogía**. Versión digital. http://ultibase.rmit.edu.au/Articles/dec00/hase2.htm

Hurtado Cruchaga, A. (1994). **Humanismo social**. Editorial Antártica.

Huxley, A. (1999). **La filosofía perenne**. Editorial Sudamericana.

Jaeger, W. (2001). **Paideia: Los ideales de la cultura griega**. Fondo de Cultura Económica.

Juif, P & Legrand, L. (1988). **Grandes orientaciones de la pedagogía contemporánea.** Narcea Ediciones.

Leibniz, G. (1946). **Correspondance de Leibniz et d' Arnauld.** Losada.

Leibniz, G. (1946). **Discours de metaphysique**. Losada.

López Quintás, A. (2013). **El libro de los grandes valores**. BAC.

Lyotard, J.F. (1993). **La condición postmoderna**. Planeta Agostini.

Marcovitch, J. (2002). **La universidad (im)posible.** Cambridge University Press.

Maritain, J. (1975). **El humanismo de santo Tomás de Aquino**. En: Estudios de Filosofía I, publicación del Instituto Riva Agüero - PUCP. pp. 11 – 26.

Maritain, J. (1981). **La educación en este momento crucial.** Club de Lectores.

Martínez de Soria, A.B. (1998). **Educación del carácter, Educación moral. Propuestas educativas de Aristóteles y Rosseau**. EUNSA.

Mc. Gee, K. (2005). **Enactive Cognitive Science. Part 1. Background and research themes.** Constructivist Foundations.

Melamed, A. (2021). **Enactivismo y valoración. Cómo superar la querella entre teorías somáticas y cognitivas de las emociones**. Daimon. Revista Internacional de Filosofía. http://dx.doi.org/10.6018/daimon.420991

Millán Puelles, A. (1989). **La formación de la personalidad humana**. Rialp S.A.

Morin, E. (2007). **Complexité restreinte, complexité générale. En Intelligence de la complexité. Épistémologie et pragmatique.** Condé-sur- Noireau, Éditions de l'Aube.

Morin, E. (2001). **Los siete saberes necesarios a la educación del futuro.** UNESCO. Editorial Magisterio.

Moreno, R. (2019). **Los griegos y nosotros. De cómo el desprecio por la antigüedad destruye la educación**. Editorial Fórcola.

Pascual, F. (1999). **Educación, metafísica y epistemología. Algunas reflexiones para la educación de la filosofía**. En: Revista Alpha - Omega. Universidad del Sacro Cuore. Año II, n° 3.

Proulx, M.J. (2011). **Las diferencias individuales y el conocimiento metacognitivo de la estrategia de búsqueda visual**. Versión Digital. En: PLoS ONE, 6 (10).

Rozek, M., & Martins, G. D. F. (2017). **Psychopedagogists' Conceptions of the Learning Process and Psychopedagogical Interventions Involving University Students with Disabilities and/or Learning Difficulties**. Creative Education, 8, 142-155. http://dx.doi.org/10.4236/ce.2017.81012

Sánchez Cerezo, S.; et. Alt. (1983). **Diccionario de las ciencias de la educación**. Aula Santillana.

Sartori, G. (1998). **Homo videns**. La sociedad teledirigida. Taurus.

Savoy Uriburu, V.F. (1992). **Educación y formación humana. Hacia un humanismo progresista y democrático.** Editorial Humanitas.

Selles, J.F. (1995). **Conocer y amar. Estudio de los objetos y operaciones del entendimiento y de la voluntad según Tomás de Aquino**. EUNSA.

Siemens, G. (2005). **Connectivism: A Learning theory for the Digital Age**. En versión digital. E-learn space.

Suárez Díaz, R. (1990). **La educación: Su filosofía, su psicología y su método**. Trillas.

Tedesco, J.C. (2000). **Educar en la sociedad del conocimiento**. Fondo de Cultura Económica.

Tomás de Aquino. (1990). **De Magistro**. Ed. Universidad Iberoamericana.

Tomás de Aquino. (1989). **Suma Teológica**. Tms. I, I-II, II-II. BAC.

UNESCO (1973). **Aprender a ser. El informe Faure.** Alianza Editorial.

Urban Wilbur, M. (1979). **Lenguaje y realidad: la filosofía del lenguaje y los principios del simbolismo**. Fondo de Cultura Económica.

Viniegra, L. (2002). **Educación y crítica. El proceso de elaboración del conocimiento.** Paidós Educador.

Willis, J.A. (2009). **¿Cómo enseñar a los estudiantes sobre el cerebro?** En: Liderazgo Educativo, Versión Digital.

SOBRE EL AUTOR

FRANCISCO F. RELUZ BARTURÉN - Investigador RENACYT del Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (CONCYTEC-Perú). Miembro de la Sociedad Peruana de Filosofía. Filósofo, Master en Filosofía e Investigación Científica. Doctor en Psicología Educacional. Docente universitario. Investigador interdisciplinar en Ciencias Sociales, Humanidades y Filosofía. Autor de libros y artículos científicos en revistas indexadas de impacto. Peer review en revistas de bases de datos Scopus, Web of Science y Scielo. Past director de investigación universitario y editor de revistas científicas. https://orcid.org/0000-0002-8951-1143

Año 2022

Educación contemporánea

y filosofía perenne

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Año 2022

Educación contemporánea

y filosofía perenne

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

@atenaeditora

www.facebook.com/atenaeditora.com.br